

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Departamento de Educação Física

José Rafael Marcelino Agripino

FORMAÇÃO CONTINUADA: DIALOGANDO COM OS PROFESSORES
QUE ATUAM NO ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL (CICLO I)
DA REDE MUNICIPAL DE BAURU/SP

Bauru – 2011

José Rafael Marcelino Agripino

FORMAÇÃO CONTINUADA: DIALOGANDO COM OS PROFESSORES
QUE ATUAM NO ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL (CICLO I)
DA REDE MUNICIPAL DE BAURU/SP

Monografia encaminhada ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências, UNESP, Campus Bauru, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física pelo aluno JOSÉ RAFAEL MARCELINO AGRIPINO.
Orientadora: Prof^a Adj^a. Dr^a Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Bauru – 2011

“Que me entendam a analogia. Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer. Jequitibá e Eucalipto, não é tudo árvore, madeira? No final, não dá tudo no mesmo?”

Rubem Alves

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Maria Augusta, que sempre acreditou em mim e apoiou-me em todas as decisões que tomei. Ensinou-me a viver a vida por meio de atitudes e não de palavras. Mostrou-me os primeiros passos e, mesmo com dor e choro de mãe, permitiu que eu caminhasse sozinho pelos caminhos que escolhi. E que, a cada retorno, sempre me recebe sorrindo e com abraços. Mãe, muito obrigado.

À Maria, avó, pelo sorriso em seu rosto cada vez que nos vemos. Muito Obrigado.

À Fer, irmã, pela amizade, companheirismo e por ser mãe das mais belas moças que conheço. Muito obrigado.

À Amanda e Gabi, por serem as melhores sobrinhas que eu tenho. Meninas, o tio ama vocês. Muito obrigado por existirem.

Ao David, primo, pelas risadas e travessuras de nossa infância. Maninho, muito obrigado.

À Suelen, prima, por sempre me “entregar” quando eu dava umas “pancadas” no David. Muito obrigado.

À Lucinha, tia, pelos bolos e doces feitos para mim e não para o David. E por colocar o David no mundo. Muito obrigado.

À luzia, tia, por ter lembrando de mim no dia das crianças quando eu tinha 18 anos. Muito obrigado

Ao Reginaldo, cunhado, por ter levado halls e carrinhos para “eu brincar” (“distrair-me”), enquanto ele namorava minha irmã. Muito obrigado

Ao Dú e Kitão, tios, pelas caixas de cervejas vazias nas festas de final de ano. Muito obrigado.

Ao Lourenço, tio, por acordar-me toda manhã ao som de sua gaita. Muito obrigado.

Ao Pedrão, avô, por assistirmos a vários jogos do Santos, mesmo sabendo que eu torço para o São Paulo. Muito obrigado.

Ao Vicente, padrasto, por assumir a casa enquanto estou fora. Muito obrigado.

Ao Renato, amigo, pela amizade e camaradagem durante todos esses anos. Muito obrigado

Ao Astrogildo, professor de voleibol, pelas viagens com a Banda e os ensinamentos da modalidade. Muito obrigado

Ao Lúcio Gatti, professor de educação física, pelo apoio em 2001. Muito obrigado.

Aos amigos de Faculdade que direta e indiretamente contribuíram para minha formação. Muito obrigado.

À Iê, amiga, pelo primeiro apoio, pelo peixe pago pelo seu pai, pelos almoços com muito tomate. Muito obrigado.

Ao Dú, amigo, pelo jogo de voleibol de areia no interunesp de Assis. Muito obrigado.

Ao Ronald, amigo, pela camaradagem e por emprestar a moto. Muito obrigado.

Ao Gui, amigo e parceiro, pelos trabalhos e conversas sem nexos. Muito Obrigado.

Ao Ezequiel, amigo, pelas longas conversas (no mínimo de 4 horas ininterruptas, monólogo).
Muito obrigado.

À Bia, amiga, por me sufocar durante seus períodos de carência. Muito obrigado.

À Stefane, amiga, pelas conversas, reflexões, risos e pelo apoio neste trabalho. Stef, Muito obrigado.

À Dagmar, orientadora, pelo acompanhamento. Muito Obrigado.

A todos os professores da Faculdade que contribuíram para minha formação. Muito obrigado.

Aos professores que participaram deste trabalho. Muito obrigado.

Resumo

Atualmente, observa-se um aumento significativo no descontentamento da população mundial em torno da educação, o que ergueu dúvidas sobre o atual sistema escolar e desencadeou um aumento forçoso de interesse sobre uma reforma educativa. O procedimento de investigação desta pesquisa apoia-se na abordagem qualitativa exploratória, uma vez que esta permite a interpretação da realidade do ambiente investigado, importando-se com o processo e não com a quantificação dos dados. Participaram deste trabalho cinco profissionais da rede municipal de ensino de Bauru e que cursaram o terceiro módulo do curso de formação continuada do departamento de educação física da UNESP/Bauru, que ocorreu no segundo semestre de 2010. O objetivo do presente estudo foi identificar as razões pelas quais professores da rede municipal da cidade de Bauru buscam o curso de formação continuada em Educação Física e explorar suas expectativas e percepção do curso. A partir das análises apresentadas neste trabalho, observou-se que a busca pela formação continuada apoia-se em questões como: a confusão existente entre teoria e prática, onde os professores exemplificaram que, após a formação inicial, a teoria não foi condizente com as reais necessidades de suas práticas pedagógicas; o ingresso de alunos cada vez mais novos no ensino infantil e fundamental; a busca por conteúdos que atendam as necessidades de desenvolvimento psicomotor das crianças na faixa etária entre 2 e 5 anos e, ao mesmo tempo, conteúdos para inclusão de crianças com necessidades especiais; bem como questões político-pedagógicas. Mesmo que os motivos nesta pesquisa apresentados pelos professores para justificar a busca pelo curso de formação continuada em Educação Física tenham sido de naturezas distintas, ao final observou-se que os professores foram atendidos em relação as suas expectativas, demonstrando que o curso de formação continuada pode ser espaço de diálogo entre os professores, onde o compartilhar de ideias faz com o professor se sinta participe no processo de elaboração, desenvolvimento e finalização do curso de formação contínua.

Palavras-chave: formação continuada, teoria, prática pedagógica.

Abstract

Currently, we can observe a significant increase in the disappointment of the world population about education, which raised doubts about the current school system and resulted in a forced increase of interest in an education reconstruction. The investigation process of this research based itself in the qualitative exploratory approach, since it allows the interpretation of the reality of the investigated environment, and it is concern about the process and not the quantification of data. Five professionals who work for the prefecture in the city of Bauru participated in this study and they graduated in the third module of the continuing education of the department of physical education from UNES/Bauru, which occur in the second semester of 2010. The purpose of the present study was to identify the reasons why teachers who work for the prefecture in the city of Bauru look for the continuing education in physical education and explore their expectations and perception about the course. Considering the analysis presented in this study, we can observe that the search for continuing education based itself in issues such as: the confusion that exists between theory and practice, where the teachers exemplifies that, after their initial education, theory was not consistent with the real needs of their pedagogical practice; the entry of students younger and younger in the infant and fundamental education; the search for contents that answer the needs of psychomotor development of children between 2 and 5 years old and, at the same time, contents for the inclusion of children with special needs; as well as political pedagogical issues. Even though the reasons presented in this research for the teachers to justify the search for the continuing education in physical education were of distinct natures, at the end we observed that the teachers had their expectations fulfilled, demonstrating that the course of continuing education can be a space of dialog between teachers, where the shearing of ideas makes teachers feel like participating in the elaboration process, developing and finalizing the course of continuing education.

Keywords: continuing education, theory, pedagogical practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	13
2.1 <i>Natureza da pesquisa e métodos de abordagem</i>	13
2.2 <i>Os sujeitos participantes da pesquisa e procedimentos metodológicos</i>	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
3.1 <i>Formação continuada: notas sobre a formação continuada de professores</i>	15
3.2 <i>Perspectivas sobre o curso de formação continuada de professores</i>	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
Referências	24
APÊNDICE A	26
APÊNDICE B	27
APÊNDICE C	28

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, observa-se um aumento significativo no descontentamento da população mundial em torno da educação, o que ergueu dúvidas sobre o atual sistema escolar e desencadeou um aumento forçoso de interesse sobre uma reforma educativa. Assim sendo, o processo de formação docente tornou-se o foco de discussões em congressos e fóruns de educação (SACRISTÁN, 1998).

O ambiente escolar fornece conjunturas problemáticas e, ao mesmo tempo, profissionais engajados em resolvê-las, tornando-o um espaço favorável ao surgimento de ações de natureza transformadora e emancipatória para o atual sistema de ensino consentido nas instituições escolares de instrução básica. A partir desta realidade, a universidade, ciente da resistência às mudanças e aberta a dialogar, deve servir como espaço de discussão e consenso sobre as melhores estratégias a serem adotadas para renovação do processo de ensino-aprendizagem (MOYSÉS; COLLARES, 1996).

Somente prover a formação continuada não garante mudança de estado na ação prática do profissional, já que, abastecê-lo com conhecimento teórico não significa oportunizar espaço para aporte do mesmo na construção desse conhecimento, ao contrário, retira-lhe o direito de participar ativamente do processo e restringe-o a simples aquisição direcionada de habilidades práticas e de conhecimento científico (DAMIANI; MELLO, 2006). Noutras palavras, Freire (1996) aponta como: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (p. 42-43)”.

Pronta a ouvir e intervir, a universidade deve ser o espaço usado pelo profissional para construir um conhecimento embasado teoricamente conforme a necessidade de sua prática profissional. Libertando-o da simples aquisição de conhecimento desvinculada de uma reflexão crítica e, ao mesmo tempo, fazendo com que adote uma postura de julgamento sobre o conteúdo provido.

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. (IMBERNÓN, 2001 p.48-49)

A reflexão em relação à ação prática instiga o profissional a decompor os inúmeros problemas encontrados durante a sua atuação a fim de facilitar a visualização do todo. Freire (1996) elucida a inquietação do sujeito em determinar o agente causador do problema como

sendo curiosidade epistemológica e Chassot (1995) nomeia-a de transformação do fazer pedagógico em atividade de pesquisa.

Não bastasse a complexidade em instruir os conhecimentos empíricos a alguém, existem, ainda, os problemas relacionados ao fato de lecionar algo específico/conhecimento científico a outrem. Neste contexto, penetramos na complexidade do papel da escola e, mais especificamente, do ensinamento dos conteúdos pertinentes à Educação Física.

Sabe-se que a formação inicial jamais irá contemplar em quatro ou cinco anos de curso uma compreensão de docência que atenda às necessidades dos alunos, mesmo porque o sentido de formação neste trabalho é visto como processo inacabado, onde a graduação serve apenas como início para as reflexões em torno das deficiências existentes na primeira formação.

Rossi (2010), baseada em André et al. (1999), verificou que a maioria das linhas de pesquisas está em torno da formação inicial, deixando de lado a preocupação com a formação continuada desses professores que foram formados por esse sistema alicerçado sobre falhas. Neste sentido, as deficiências relacionadas ao ensino dos conteúdos pertinentes a Educação Física terão maiores danos quando lecionadas dentro da educação infantil, onde professores responsáveis pelos conteúdos relacionados à Educação Física tiveram pouco ou nenhum contato com tais conteúdos dentro de seu processo de formação básica e professores formados em Educação Física sentem falta de conteúdos relacionados à maneira de desenvolver o princípio da Educação Física com crianças das séries iniciais. Logo, arquitetar uma configuração de currículo para a educação infantil é difícil devido às inúmeras controvérsias sobre o modelo de currículo a ser seguido, por exemplo, tem quem defende o currículo nos moldes acadêmicos para o ensino infantil e quem entende que o currículo do ensino infantil não deve atender ao molde formal, e sim a perspectiva do “brincar”. A adoção do método acadêmico faz com que surja o professor especializado, que necessariamente não se constitui como adequado, mas promove a corrida pelo espaço político pedagógico e a fragmentação do ensino da Educação Física (SAYÃO, 1999).

A confusão existente no desenvolvimento das aulas de Educação Física nas séries iniciais, ora baseadas na perspectiva do brincar e ora na acadêmica, faz com que as aulas sobrevenham unicamente da necessidade prática e exclui-se a atitude de reflexão sobre o conteúdo ministrado porque o foco está no brincar descompromissado, perdendo o sentido multidimensional que abrange as disciplinas, onde o profissional age de maneira individual em detrimento das ações de trabalho coletivo. A ação profissional individual apoia-se na falta de sustentação teórica que subsidie a prática, fazendo com que o profissional use somente os

recursos técnicos aprendidos no curso de graduação e, na falta deste, atue na fatalidade da “sensibilidade” momentânea (SILVA, 2007).

Assim, esta pesquisa surgiu das dificuldades que eu, na função de estagiário, enfrentei quando me propus a estagiar voluntariamente em uma creche do bairro onde morava. Após o primeiro ano de curso, comecei o estágio extracurricular no ensino infantil, juntamente com uma amiga. Imaginava eu, penso que minha amiga também, que o estágio aumentaria nossa bagagem de aprendizado prático com as crianças. Digo prático porque naquela época eu realmente acreditava que as aulas práticas da faculdade ajudar-me-iam a desenvolver um bom trabalho com as crianças. Claro que ocorreu aprendizado, pois este acontece no transcorrer de nossa vida profissional dentro do processo de formação continuada. Mas, a primeira coisa/termo que aprendi foi o conceito de “choque da realidade”, conceito presente na literatura e que primeiro senti e depois aprendi sobre o termo. Tudo o que aprendi no curso de graduação até aquele momento eu procurei aplicar nas aulas com as crianças, momento em que comecei a observar o distanciamento existente entre a atuação prática e a teórica, e que só consegui observar quando procurei aplicar o conhecimento científico por meio de minha atuação prática. Foi por causa deste constrangimento que passei a me questionar: Qual a função da formação inicial? E, Qual é o processo de escolha e organização dos conteúdos pertinentes ao currículo de Educação Física?

Este acanhamento com o curso foi aumentando com o passar do tempo, até que em 2009 foi criado o curso de formação continuada intitulado como: “*EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS DO ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL (1ª A 4ª SÉRIES) NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DA INÉRCIA AO MOVIMENTO CORPORAL*”. Vi na formação deste grupo a oportunidade de entender o mínimo que fosse sobre o distanciamento existente entre a teoria e prática pedagógica. Acredito que o melhor meio de entender as lacunas existentes no processo de formação inicial é conversar sobre elas com quem atua na frente de trabalho, ou seja, os professores.

Logo, discutir sobre o processo de formação docente é, ao mesmo tempo, procurar entender o processo de construção desse profissional, que está inserido dentro de uma preocupação de formação docente submetida ao controle do Estado. De tal modo, a formação deve ser compreendida em uma perspectiva que envolva o “Eu” profissional juntamente com seus saberes e seu trabalho, lembrando que o processo de formação, entendido aqui não só como docência, é uma construção contínua e que ocorrerá ao longo da vida do Ser (NÓVOA, 1995).

Deste modo, é indispensável à compreensão de que a atuação profissional é produto das atividades desenvolvidas de forma individual e coletiva pelo professor dentro do processo de profissionalização, onde o ato de ensinar moldar-se-á com o passar do tempo a partir do processo de assimilação das informações teóricas e práticas que terá acesso ao longo da carreira profissional. A complexidade do ato de ensinar faz com que se busque o estreitamento do saber relacionado à docência, entendendo que ela é resultante da somatória entre as condições de trabalho, formação inicial e vida particular. (MOLINA; MOLINA NETO, 2001; RANGEL-BETTI; BETTI, 2001). Este repensar sobre a formação inicial, não se esquecendo das relações complexas existente no processo de formação, faz com que se justifique a necessidade da formação continuada para os profissionais da ativa, pois esta será um dos meios para a construção de uma nova realidade para o ensino atual, que foi construído a partir de uma cultura profissional orientada sob os interesses do Estado.

O processo de formação contínua permite ao profissional compreender a imprevisibilidade e ambiguidade da prática docente, tornando-o capaz de gerir o conhecimento teórico adquirido junto às dinâmicas de relacionamento existente entre a escola, comunidade escolar e as reais necessidades dos alunos. Ao perceber a complexidade do ato docente, o sujeito desprender-se-á das formas tradicionais de ensino onde o ato de saber fazer é mais valorizado do que o ato de ensinar para aprender e a ensinar para sempre. Levando o profissional a compreensão dos elementos que influenciam sua atuação prática e instigando-o a praticar a reflexão constante e teimosa de sua prática profissional (FREIRE, 1996).

Assim, o objetivo desta pesquisa foi identificar as razões pelas quais os professores buscam os cursos de formação continuada em Educação Física e explorar suas expectativas e percepção do curso.

Para fins de apresentação este trabalho está organizado da seguinte maneira: Metodologia, local onde constam a natureza da pesquisa, os métodos de abordagens, os sujeitos participantes e os procedimentos metodológicos. Resultados e discussões, com as notas e perspectivas sobre a formação continuada de professores, que foram analisados a luz da revisão da literatura e, em seguida, as Considerações finais.

2 METODOLOGIA

2.1 Natureza da pesquisa e métodos de abordagem

O procedimento de investigação desta pesquisa apoia-se na abordagem qualitativa exploratória, uma vez que esta permite a interpretação da realidade do ambiente investigado, importando-se com o processo e não com a quantificação dos dados. Esta abordagem permite contato direto do pesquisador com o sujeito investigado e busca interpretar os fenômenos a partir das explicações dos colaboradores da pesquisa. A característica exploratória da pesquisa qualitativa proporciona ao pesquisador maior compreensão do assunto pesquisado, onde o mesmo faz uso de levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que detêm conhecimento prático, que nesta pesquisa se apresentam na figura do professor que atua no ensino básico, e que forneceu exemplos para quebra de paradigmas, logo, permitirá ao pesquisador a elaboração de uma pesquisa mais apropriada.

Assim, o intento da abordagem qualitativa exploratória é fazer com que o pesquisador se aproxime ao máximo da realidade estudada na tentativa de identificar as prioridades dos sujeitos do estudo e, posteriormente, esboçar hipóteses que venham a clarear o entendimento sobre o modo de atuação prática dos indivíduos. Esta aproximação com a realidade ao lado de uma interpretação minuciosa das observações levantadas por meio das entrevistas permite ao pesquisador sistematizar as observações com a finalidade de uma compreensão em relação ao distanciamento existente entre o conhecimento científico e prático. A pesquisa de natureza qualitativa utiliza método de investigação que leva em conta crenças, valores dentre outros significados presentes em determinados grupos ou sociedades (CHIZZOTTI, 2003; THIOLENT, 2007).

O método de abordagem utilizado para a coleta de dados foi à entrevista semi-estruturada que, segundo Trivinos (1987), permite ao pesquisador elaborar um roteiro flexível de questões em torno do assunto pesquisado. A flexibilidade do roteiro de questões auxilia o pesquisador durante a coleta de dados porque admite repetir ou refazer a pergunta caso ele observe que não foi compreendido.

As vantagens de utilização da entrevista semi-estruturada sustentam-se na observação de atitudes e condutas do sujeito entrevistado, onde o pesquisador, por meio de observação e anotação dos gestos do indivíduo e por estar face a face, pode analisar a fidedignidade das respostas e, prontamente, verificar as contradições e discordâncias das respostas (LAKATOS; MARCONI, 2001).

2.2 Os sujeitos participantes da pesquisa e procedimentos metodológicos

Participaram deste trabalho cinco profissionais da rede municipal de ensino de Bauru e que cursaram o terceiro módulo do curso de formação continuada do departamento de educação física da UNESP/Bauru, que ocorreu no segundo semestre de 2010.

Após a explicação do objetivo da pesquisa aos sujeitos e aceitação dos mesmos em colaborar, foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido, que foi assinado por todos, e onde consta a identificação dos participantes bem como a possibilidade de se retirar da pesquisa a qualquer momento (Apêndice A).

As entrevistas ocorreram no mesmo local dos encontros, que eram às terças-feiras, no departamento de educação física. Para a captação do áudio foi utilizado um gravador portátil e, em seguida, as entrevistas foram transcritas para o software de codificação de texto (Word). As entrevistas tiveram como base o roteiro de questões semi-estruturado (Apêndice B), e na transcrição cada professor é identificado pela letra P seguida de um numeral que indicará o (n) de entrevistados da pesquisa, (n) final igual a cinco.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi identificar as razões pelas quais professores da rede municipal da cidade de Bauru buscam o curso de formação continuada em Educação Física e explorar suas expectativas e percepção do curso. Adicionalmente, foram discutidos aspectos relacionados à facilitação ou não por parte da instituição de ensino ou prefeitura para a realização do curso.

3.1 Formação continuada: notas sobre a formação continuada de professores

Rossi (2010), embasada em André (1999), esclarece que a produção científica acerca da formação continuada não atinge 15% da produção científica existente em torno das pesquisas relacionadas à formação de professores, corroborando a ideia de que o foco das pesquisas concentra-se na formação inicial.

Para Rangel-Betti e Betti (1996), a maioria dos professores que compõe o quadro das escolas atualmente tem formação fundamentada no currículo tradicional-esportivo ou de orientação técnico-científica, sendo que tais currículos, combinados ou não, ainda integram boa parte das faculdades particulares e universidades públicas.

Neste contexto, os profissionais em atividade possuem uma bagagem curricular com ênfase esportiva ou acumulada de conhecimentos científicos sobre fisiologia, anatomia, filosofia, dentre outros, que foram somados ao tradicional-esportivo com o desígnio de viabilizar o currículo técnico-científico e, concomitantemente, promover uma melhora na atuação prática do profissional. Este aumento no número de disciplinas no currículo de Educação Física concedeu-lhe uma característica mais teórica, entretanto, o aumento de bagagem teórica por si só não parece ser condizente com as reais necessidades do professor, o que faz com que eles visualizem prática e teoria como informações distintas. Os entrevistados números um (P1) e três (P3), respectivamente, destacam essa confusão:

[...] Bom, é que no curso de formação, no meu caso em pedagogia, a gente tem muita teoria e pouca prática. Então, a gente lê muito, muitos autores, mas na hora que a gente cai na sala de aula a gente vê que não é suficiente pra gente tá trabalhando com as crianças (P1).

[...]. Ah, porque na faculdade tem muita coisa que passa batido, porque o tempo se for ver é muito curto pra muitas abordagens (P3).

Não bastasse essa confusão na estruturação do currículo, Sayão (1999) adverte que os currículos dos cursos de Educação Física não preparam os profissionais para trabalharem com os primeiros anos de ensino. Indo mais além ao esclarecer que a formação dos professores responsáveis pelo ensino da Educação Física no ensino infantil é variada, destacando que o

ensino do conteúdo pertinente à Educação Física é ensinado por professores de áreas como pedagogia, psicologia, entre outras.

A fala do entrevistado número dois (P2) apresenta essa dificuldade atual de inserção de alunos cada vez mais novos no ensino fundamental (ciclo 1):

[...] E agora as crianças vêm mudando o comportamento e o interesse. Agora com a inclusão do primeiro ano, também, pouca matéria teve na faculdade a esse respeito (P2).

A falha existente na formação inicial ratifica a necessidade da existência do curso de formação continuada. Entretanto, Rossi (2010), fundamentada em Candau (1997) e Nóvoa (1995), ressalta que o curso de formação continuada deve ser estruturado de modo a permitir reflexões por parte dos professores e, ao mesmo tempo, reparar as ineficiências do primeiro processo de formação. Ou seja, a continuidade no processo de formação não pode ter as mesmas características do curso de graduação, por exemplo, a acumulação de cursos. Por isso, deve ser elaborado de acordo com as necessidades individuais ou de pequenos grupos que vivenciem problemas similares. Assim, espera-se que o curso de formação continuada atenda aos interesses de todos os professores, mesmo sabendo que esses interesses serão totalmente diferentes. Como foi o caso das respostas encontradas sobre os conteúdos específicos que os entrevistados procuraram durante o curso.

[...] É a minha idade que eu trabalho né, de três a quatro anos (P1).

[...] Eu tenho muito autista, conteúdos de como estimular o sistema deles, que eles têm muitas dificuldades (P2).

[...] eles são muito competitivos. Assim, se eu tivesse que escolher um tema pra trabalhar com essa turma eu tentaria estudar alguma coisa mais pra tirar essa competitividade deles, que eu acho que é demais [...] atividades cooperativas (P3).

[...] Como eu tenho uma aluna com deficiência visual seria interessante atividades que abordassem o tema, pois sinto dificuldades em integrar essa criança nas atividades cotidianas, falta orientação. Eu não sei até que ponto eu posso ir com essa criança (P4).

[...] Na educação infantil nós trabalhávamos com crianças a partir de três anos, agora estamos trabalhando com crianças de um ano e oito meses (P5).

Silva (2000) destaca a preocupação com a formação continuada por parte da Unidade Federativa de Portugal. Entretanto, a preocupação da União, em particular a brasileira, estende-se somente até a regulamentação da proposta ao passo que ela incumbe as Instituições de Ensino, sejam municipais, estaduais ou particulares e baseando-se no princípio da autonomia, de promoverem a formação continuada de seus profissionais. Isso permite que as Instituições de Ensino particulares sejam beneficiadas nesse processo, tendo em vista que para essas instituições o campo é altamente lucrativo.

Assim, as instituições privadas oferecem cursos de atualização profissional, que, em sua maioria, são custeados pelo próprio profissional. Lembrando, também, que o profissional que atua na instituição pública nem sempre recebe remuneração compatível aos preços referentes à sua atualização e que inúmeros profissionais têm dificuldades em dialogar com seus superiores sobre a necessidade de liberação do trabalho para a apreciação do curso (ROSSI, 2010). Os trechos dos entrevistados P1 e P3, respectivamente, exemplificam esse contexto:

[...] A minha diretora permite, ela incentiva que a gente participe mesmo. Mas assim, não é sempre que a gente pode porque a secretaria não libera também. Se fosse por ela, ela liberaria tranquilamente. Mas a secretaria em si não libera fácil. A não ser que seja um curso que eles estejam oferecendo, aí eles abrem lá uma ou duas vagas pra cada escola e aí tem o sorteio, e se for sorteado participa, caso contrário não (P1).

[...] não, não existe dispensa pra fazer curso. Principalmente no local onde eu tenho dois contratos. Isso. E aí, quem faz extraclasse, que trabalha num horário e depois volta à escola pra cumprir no horário oposto, essas pessoas podem usar um pouco dessas horas pra fazer curso, isso pode. Mas, quem entrou agora, que nem eu e tem dois contratos, não pode. Então é só no período noturno (P3).

Rosa (2001) verificou a necessidade de atualização de professores que atuam na Educação Infantil do município de São José – SC. Primeiramente, objetivou-se na compreensão do significado da Educação Física na Educação Infantil e, em seguida, conseguiu fazer com que a Educação Física fosse regulamentada (art. 37) no Sistema Municipal de São José, demonstrando que o conteúdo da Educação Física é visto como essencial no currículo do ensino infantil. Os entrevistados números P1, P3 e P4 destacam a importância do conteúdo de Educação Física e a sua presença no currículo do ensino infantil.

[...] Eu vejo que é necessário porque as crianças de dois, três, quatro anos não estão prontas para serem alfabetizadas ainda. Elas são essencialmente movimento, eles têm que estar em movimento o tempo todo, até porque a concentração deles é mínima nessa faixa etária. Então as atividades têm que estar mudando toda hora, isso é essencial (P1).

[...] No infantil é bem mais trabalhado. Isso foi uma coisa que a gente conversou bastante, tem bastante tempo de atividade né, tempo livre, enfim, brincar de roda é uma coisa que faz parte da rotina diária, então é totalmente diferente. No fundamental a gente ainda não leva tanto em consideração a importância. (P3)

[...] olha, é de grande importância porque desenvolve todo tipo de habilidade na criança. (P4)

Molina e Molina Neto (2001) expuseram a preocupação com a formação continuada de professores baseada no conhecimento dos profissionais ativos na Educação Física escolar de Porto Alegre – RS. O estudo buscou complementar a proposta do projeto pedagógico da “Escola Cidadã” desenvolvido pela Secretaria Municipal, assim sendo, coube a ele,

juntamente com um colegiado da Esec/UFRGS e de professores das escolas municipais interessados, a discussão sobre o papel da Educação Física na grade curricular. Para isso, basearam-se na proposta da pedagogia freireana e nomearam o curso de a “prática de investigar a própria prática”.

Os estudos de Molina e Molina Neto (2001) e Rosa (2001) destacam a união entre os professores que atuam diretamente na Educação Física escolar e professores da área acadêmica, onde o foco foi compreender as reais necessidades dos colegas que atuam diretamente com a Educação Física escolar e, de acordo com as necessidades elencadas pelos colegas, buscar alternativas de melhoria a fim de proporcionar autonomia para os professores. Assim, a proposta do curso de formação continuada deve considerar a opinião dos professores em relação ao trabalho desenvolvido, pois será por meio desse julgamento que se poderá estreitar o distanciamento entre prática e teoria. Abaixo seguem as respostas dadas pelos professores e a apreciação dos mesmos em relação ao conteúdo que foi desenvolvido durante o curso de formação continuada, que, aparentemente, teve aceitação positiva em relação à viabilidade das atividades na prática.

[...] Eu vejo que o curso trabalha várias idades, e no meu caso que é o maternal tem as musiquinhas, cantigas de roda e jogos e brincadeiras que dá pra trabalhar. Alguns já não têm como porque são pra crianças maiores. Mas, em sua maioria, são conteúdos viáveis. (P1).

[...] Foi sim. Principalmente em relação aos primeiros anos, primeiro e segundo ano. Porque eu tinha pouco conteúdo e o curso ajudou muito. Ajudou também em relação aos alunos especiais (necessidades), que têm vários lá na escola. (P2)

[...] Eu fiz algumas experiências de atividades pra ver se dava certo com os pequenos por meio de algumas adaptações [...] Tem só quer ver que tem coisa que é pra certa idade e tem coisa que não. Por exemplo, uma brincadeira em roda com uma sequência de gestos ou esse negócio de falar frase e tirar frase pra turma do maternal não dá né, mas dá pra adaptar. (P3)

[...] Algumas sim, mas que nem amarelinha, a dança, a gente consegue colocar, mas tem muitas coisas que ficam difíceis da gente colocar pra educação infantil. Então, esse curso tem professoras de Educação Física, então pra elas é interessante muita coisa, mas pra gente fica aquém. Porque cada vez mais está diminuindo a idade com que a criança vai pra escola. Então se imagina uma criança de um ano e oito meses, o que você pode tá trabalhando com ela. Então tem muita coisa que fica aquém. (P4)

A partir das análises apresentadas neste capítulo, observa-se que a busca pela formação continuada apoia-se em questões como: a confusão existente entre teoria e prática, onde os professores exemplificaram que, após a formação inicial, a teoria não foi condizente com as reais necessidades de suas práticas pedagógicas; o ingresso de alunos cada vez mais novos no ensino infantil e fundamental; a busca por conteúdos que atendam as necessidades de desenvolvimento psicomotor das crianças na faixa etária entre 2 e 5 anos e, ao mesmo

tempo, conteúdos para inclusão de crianças com necessidades especiais; e questões político-pedagógicas.

3.2 Perspectivas sobre o curso de formação continuada de professores

A sociedade contemporânea passa por um momento de inúmeras mudanças onde alguns se habituariam e outros não. Exemplo dessa rápida mudança pode ser observado na área da informática, onde um computador adquirido no começo do ano ao findar de doze meses já é considerado obsoleto. Para acompanhar esse movimento é necessário estar “atenado”, atento, pesquisar e atualizar, ou seja, preocupar-se em tornar o obsoleto útil e, caso não seja possível, colocar o velho de lado e aprender a trabalhar com o novo. Isso mostra que o termo mudança rege a sociedade contemporânea, contudo, não parece constar no vocabulário daqueles que regem a Educação.

Como no caso da informática, a educação segue o mesmo ritmo de mudança requerendo do profissional a capacidade de interpretar, filtrar, analisar criticamente e, ao mesmo tempo, organizar novas condições de aprendizagem aos alunos. Esteve (2008) ilustra esse processo de mudança e que, às vezes, passa despercebido pelo professor, demonstrando que o que é ensinado não corresponde à época e as exigências desse presente/dinâmico:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de actores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. (p. 97).

Esse contexto de rápidas transformações faz com que o professor fique confuso e não avalie o montante de informações ao seu redor que, ao contrário, deveria ser interpretado criticamente e, em seguida, serviria como dados para a reflexão de sua formação, que está e continuará em constante transformação ao longo da carreira.

Alguns dos meios utilizados para a continuidade de formação do professor são: especialização, palestra, simpósio, grupo de estudo e etc. Porém, o processo de formação continuada não pode seguir a mesma linha de sistematização de ensino da graduação, onde os alunos são preenchidos com uma enormidade de informações teóricas que, ao fim da graduação, serão reproduzidas por esses profissionais. Logo, o curso de formação continuada deve servir como espaço para o professor, que atua fora e dentro da universidade, refletir sobre sua atuação pedagógica de modo a criar a curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996).

Partindo desse pressuposto, o primeiro passo para a construção de um curso de formação continuada é buscar a quebra de paradigmas das metodologias de ensino existentes,

em seguida, proporcionar um ambiente de co-participação entre os professores que atuam nas universidades e no ensino básico, com a finalidade de instigar no professor a busca pela reflexão de suas ações e, ao mesmo tempo, fazer com que ele observe os elementos que influenciam e contribuem para o engessamento de sua atuação pedagógica.

Um verdadeiro processo educativo não se restringe à aquisição de habilidades e conhecimentos, mas pressupõe o desenvolvimento do indivíduo, para que lhe seja assegurado o direito de participar ativamente no seio da sociedade, no trabalho, no lazer, na cultura, etc. O conhecimento não se reduz ao produto, é também processo. Uma coisa é assimilar conhecimentos na forma privada de apropriação, e outra é a construção democrática do próprio conhecimento. (DAMIANI, MELLO, 2006).

Contudo, é necessário respeitar o contexto histórico do sujeito, levando-o a uma construção conjunta e de reestruturação dos cursos de formação continuada. A busca pelo diálogo é uma alternativa de abertura entre as partes, meio pelo qual os professores das redes de ensino colocarão os problemas que encontram nas escolas e os professores acadêmicos procurarão, juntamente com os professores do ensino básico, analisar e, em seguida, buscar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e, assim, mudar as metodologias clássicas de ensino apontadas por Ferreira (2006).

Sobre esta visão clássica estão assentadas idéias como: o professor é visto como um executor e seus saberes – produzidos no exercício da docência – não são levados em conta; são os especialistas que definem o que deve ser ministrado nesses cursos; não se considera o dia-a-dia da atuação docente (seus problemas, dificuldades, dilemas e angústias); esses cursos não se preocupam com a contextualização da escola, sendo geralmente realizados em outros locais (diretorias de ensino, universidades etc.); as motivações dos professores são vistas de maneira homogênea, ou seja, sem levar em conta os diferentes ciclos de vida profissional e os interesses que deles advêm. (p.49)

Fundamentalmente, é necessário colocar-se na posição de igual para igual com os professores do ensino regular (sem promoção de valor sobre o status profissional) e na posição de ouvir atentamente os problemas diagnosticados por eles, tornando o diálogo um meio de abertura e aproximação entre os professores e, assim, levar esse profissional a:

Olhar para a sua prática de maneira cuidadosa e analítica que consegue visualizar os problemas, analisá-los, tentar propor soluções para resolvê-los e reavaliá-los. Há, portanto, uma construção profissional diária que se relaciona diretamente com o desenvolvimento profissional docente (FERREIRA, 2006).

Conquistar a confiança do profissional é fundamental para que se possa organizar um curso de formação continuada de acordo com as necessidades apontadas por eles, caso contrário, o profissional participa do curso somente como ouvinte e acaba não expondo suas

opiniões. Isso faz com que o primeiro planejamento, que era para ser flexível, torne-se sólido e imutável. Porém, o curso de formação continuada, mesmo tendo um planejamento inicial, deve ser totalmente flexível para moldar-se às dificuldades encontradas pelos professores e que são relatadas no transcorrer do curso conforme o professor vai se sentindo a vontade. Esta flexibilidade no planejamento do curso permite atingir as expectativas dos participantes, que, nesta pesquisa, destacaram de forma positiva os conteúdos desenvolvidos no 3º módulo do curso de formação continuada:

[...] Os conteúdos trabalhados passaram muitas idéias pra gente e deixaram também espaço pra gente tá criando em cima. Então eu gostei, foi bem positivo. (P1).

[...] Eu gostei, o curso vem trazendo bastante informação e eu pretendo continuar. Buscar cada vez mais porque vem direto com relação ao que acontece hoje, no dia a dia da criança. (P2).

[...] Ah, foi melhor do que eu esperava, eu não esperava tanta prática na verdade. Eu até achei que fosse ser um curso mais teórico e chato (P3)

[...] Olha, Atingiu. Pena que tem algumas atividades que eu não posso desenvolver por problemas de saúde, mas atingiu bastante em relação, que nem hoje, hoje estão sendo coisas totalmente novas, diferentes. Eu acho assim que elas estão procurando brincadeiras é, estão revivendo brincadeiras antigas que às vezes a gente até já conhece e por isso está sendo interessante. (P4)

Olha. O curso foi bom porque teve a parte teórica, eu achei importante essa parte teórica. E essa questão da participação, quando um professor vem para um curso de Educação Física ele tem que estar ciente, também, que ele tem que participar das atividades. Porque na sua prática você vai ficar sentado e vai deixar as crianças fazerem sozinhas [...] Então, atendeu as minhas expectativas e foi isso mesmo que eu vim buscar. Essa questão mesmo de estar vivenciando porque às vezes a gente só pega as atividades e não vive. Atendeu, e eu acho que a gente tem que ir buscando mais ainda, buscando essa troca mesmo. A gente traz idéias e assim podemos fazer experiências (P5).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os resultados do presente estudo mostraram que os professores buscam o curso de formação continuada principalmente como uma tentativa de aproximar teoria e prática através da junção entre os conhecimentos a serem aprendidos no curso e o diálogo com as situações cotidianas de sua prática profissional. Outras razões apontadas incluem a busca por conteúdos específicos da Educação Física, uma vez que a maior parte dos professores participantes da pesquisa não possui formação nesta área, assim como razões resultantes de dificuldades específicas encontradas durante a atuação profissional, tais como maneiras diversificadas de trabalhar conteúdos da Educação Física em população autista, com deficiência visual, com crianças que têm problemas comportamentais incluindo excesso de competitividade e crianças imaturas para a educação formal.

Questões relacionadas à facilitação ao acesso dos professores ao curso de formação continuada foram discutidas no presente trabalho apontando dados da literatura que demonstram uma realidade ainda distante da ideal.

No contexto de transformações constantes aliadas a evolução trazida pela tecnologia na velocidade da transmissão de conhecimento, o professor se vê diante da necessidade de acompanhar este movimento. No presente estudo pôde-se observar que o curso de formação continuada acaba por fornecer um auxílio importante nesse cenário. Aspectos como o diálogo e uma discussão que possibilite a troca de experiências entre professores universitários e professores de Educação Básica considerando ambos como portadores de conhecimento, foram apontados como fundamentais para o sucesso de um curso de formação continuada.

Finalmente, foi possível observar que os professores entrevistados demonstraram satisfação com o curso e apontaram diversos aspectos positivos que poderão auxiliá-los em sua prática profissional.

Independente do árduo caminho a ser percorrido devido às diferentes falhas existentes na formação inicial somadas às inúmeras e imprevisíveis circunstâncias do ambiente escolar, aposta-se na continuidade dos cursos de formação continuada que permitem espaço ao diálogo entre os professores que atuam nas universidades e professores do ensino básico. Mesmo que os motivos nesta pesquisa apresentados pelos professores para justificar a busca pelo curso de formação continuada em Educação Física tenham sido de naturezas distintas, ao final observou-se que os professores foram atendidos em relação as suas expectativas, demonstrando que o curso de formação continuada pode ser espaço de diálogo entre os professores, onde o compartilhar de ideias faz com o professor se sinta co-partícipe no

processo de elaboração, desenvolvimento e finalização do curso de formação contínua, que é inacabado.

Referências

- CELESTINO, M. R. A formação de professores e a sociedade moderna. *Dialogia*, São Paulo, v. 5, p. 73-80, 2006.
- CHASSOT, A. Sobre como professores e professoras podem transformar o seu fazer pedagógico numa atividade de pesquisa. In: **Cadernos de Docência e Pesquisa**, Série 05. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- DAMIANI, I. R.; MELO, C. K. Desafios na formação continuada: lidando com a complexidade da rede de ensino. **Motrivivência**, Ano XVIII, Nº 27, p. 139-153, Dez./2006.
- ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008. p. 93-124.
- FERREIRA, L. A. **O professor de Educação Física no primeiro ano de carreira: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência**, 2005. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 163 p.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001. 288p.
- MOLINA, R. K.; MOLINA NETO, V. O pensamento dos professores de educação física sobre a formação permanente no contexto da escola cidadã: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 03, p. 73-85, maio/2001.
- MOYSÉS, M.A.A e COLLARES, C.A.L. O buraco negro entre o conhecimento científico e o mundo real: um objeto essencial de pesquisa. In: REALI, RODRIGUÊS, A. M. M. e MIZUKAMI, M. G. N. (org). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996.p.107-133
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente In: NÓVOA, A. (Org). **Os professores e a sua formação**. 2. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. P.15-33.
- RANGEL-BETTI, I. C. e BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 2, n. 1, jun./1996.
- ROSA, A.I. Educação Física na Educação Infantil: experiência pedagógica. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p.73-75, 2001.

ROSSI, F. **Formação continuada em Educação Física: concepções e perspectivas de professores**. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, São Paulo. 2010.

SACRISTÁN, J. G & Pérez Gómez, A. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

SAYÃO, D. T. Educação Física na educação infantil: riscos conflitos e controvérsias. **Motrivivência**, Ano XI, n. 13, p. 222-238, Nov./1999.

SILVA, A. M. C. A formação contínua de professores: uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. **Educação & Sociedade**. Braga, n. 72, 2000.

SILVA, C. L. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 37-60, dez./2008.

SILVA, M. R. Por uma extensão investigativa no processo de formação continuada: notas introdutórias de uma experiência coletiva. **Motrivivência**, Ano XIX, n. 29, p. 13-28, Dez./2007.

TRIVINOS. A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987. 175p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007. 132p.

APÊNDICE A
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Departamento de Educação Física – Campus de Bauru
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, 2010

Prezado(a) Professor(a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa com os professores atuantes no ensino infantil e fundamental das escolas municipais de Bauru/SP, que tem como título: **“FORMAÇÃO CONTINUADA: DIALOGANDO COM OS PROFESSORES QUE ATUAM NO ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE BAURU”**, tendo como objetivo identificar as razões pelas quais os professores buscam os cursos de formação continuada, mais especificamente, o curso de formação continuada em Educação Física. Portanto, necessito de sua colaboração com seus depoimentos. Porém, cabe lembrar-lhe que a qualquer momento você pode retirar seu **consentimento livre e esclarecido** e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

O seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Entretanto, preciso de seu consentimento para que possa, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou apresentá-los em reuniões científicas. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo.

Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

José Rafael Agripino

Dagmar Hunger

Orientando

Orientadora

Rua Barão de Itapetininga, 7-66

Rua 13 de maio, 7-27

CEP: 17033-330/Bauru/SP

CEP: 17015-270/Bauru/SP

jragripino@yahoo.com.br

dag@fc.unesp.br

Tel.: (14) 3203-0186/ (14) 8144-9307

Tel.: (14) 3227-9335

TERMO DE CONSENTIMENTO (DECLARAÇÃO)

Eu.....RG:.....residente e domiciliado(a) à
 Av./Rua.....Bairro.....na cidade de
UF.....CEP.....declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa:
**“FORMAÇÃO CONTINUADA: DIALOGANDO COM OS PROFESSORES QUE ATUAM NO
 ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE BAURU”**, de José Rafael
 Agripino e Profa. Dagmar Hunger, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas
 respostas, sejam elas favoráveis ou não, na forma de artigos e/ou em reuniões científicas.

Bauru, ___ de _____ de 20__

Assinatura: _____

APÊNDICE B**ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTEVISTA**

Identificação do entrevistado.

Idade: _____ anos.

Sexo: () F () M

Formação acadêmica:

Curso:

Atualmente leciona no ensino: () infantil () fundamental (ciclo 1)

- 1) O que trouxe a professora a participar do curso de formação continuada?
- 2) Antes de iniciar o curso a professora tinha uma expectativa, como está essa expectativa ao término deste módulo?
- 3) Professora, qual relação você faz com os conteúdos aqui trabalhados com a realidade da prática pedagógica, os conteúdos apresentados são viáveis a serem trabalhados na sua realidade?
- 4) Teve algum conteúdo em específico que a professora esperava encontrar nesse segundo módulo, que pode ser relacionado à necessidade e\ou dificuldade ou até mesmo relacionado à idade dos alunos?
- 5) Como a professora relaciona o ensino da educação Física no ensino infantil. É necessária, a escola vê maior necessidade em trabalhar a Educação Física no ensino infantil?
- 6) E na relação professores e administração escolar, se houver a necessidade de a professora cursar durante o horário de expediente, existe um diálogo para um resultado positivo pra ambas as partes, ou não?

APÊNDICE C
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistado: Professor 1 (P1)

Data: 19/11/2010

Duração: 11'32"

Idade: 31 anos Sexo (x) F ()

Docência: 6 anos

O que trouxe a professora a participar do curso de formação continuada no primeiro módulo, bem como no segundo módulo?

Bom, é que no curso de formação, no meu caso em pedagogia, a gente tem muita teoria e pouca prática. Então a gente lê muito, muitos autores, mas na hora que a gente cai na sala de aula a gente vê que não é suficiente pra gente tá trabalhando com as crianças.

Antes de iniciar o curso a professora com certeza tinha uma expectativa sobre ele, como anda essa expectativa após o primeiro módulo e próximo ao término do segundo, depois de presenciar os conteúdos que aqui foram trabalhados?

Os conteúdos trabalhados passaram muitas idéias pra gente e deixaram também espaço pra gente tá criando em cima. Então eu gostei, foi bem positivo.

Existe um grande problema entre a teoria e a prática, qual relação a professora faz com os conteúdos aqui trabalhados com a realidade da prática pedagógica, os conteúdos apresentados são viáveis a serem trabalhados na sua realidade ?

Eu vejo que o curso trabalha várias idades, e no meu caso que é o maternal tem as musiquinhas, cantigas de roda e jogos e brincadeiras que dá pra trabalhar. Alguns já não têm como porque são pra crianças maiores. Mas, em sua maioria, são conteúdos viáveis.

Teve algum conteúdo em específico que a professora esperava encontrar nesse segundo módulo, que pode ser relacionado a necessidade e\ou dificuldade ou até mesmo relacionado a idade dos alunos?

É a minha idade que eu trabalho né, de três a quatro anos. Acredito que os conteúdos passados abrangeram tudo, talvez um pouquinho mais de conteúdos sobre lateralidade.

Como a professora relaciona o ensino da Educação Física no ensino infantil. É necessária, a escola vê necessidade em trabalhar a Educação Física no ensino infantil?

Eu vejo que é necessário porque as crianças de dois, três, quatro anos não estão prontas para serem alfabetizadas ainda. Elas são essencialmente movimento, eles têm que estar em

movimento o tempo todo, até porque a concentração deles é mínima nessa faixa etária. Então as atividades têm que estarem mudando toda hora, isso é essencial.

Então, é necessária uma grande bagagem de vivências corporais para poder trocar as atividades, fazendo as variações de maneira rápida. A vivência corporal que a professora vivenciou no curso, como a professora analisa isso e como faz para levá-la para o seu dia-dia?

Eu anoto tudo, eu tenho minha cadernetinha e anota tudo lá (as vivências corporais).

O que a professora acha de o grupo montar uma apostila de acordo com as vivências corporais no decorrer do curso?

A apostila é uma boa idéia pra gente ter o registro né. Mas assim, só a apostila, que nem no caso das músicas, a gente ouve uma vez e eu posso até ter a letra nas mãos, mas eu não vou lembrar depois né (ritmo). Talvez, assim, um cd ou então, como as meninas ficam sempre filmando, fazer um dvd se for possível. Porque assim a gente tem a imagem e som das músicas. E também a forma como alguns jogos são feitos, porque na hora tudo é feito correndo e não dá pra anotar tudo.

As músicas e atividades aqui passadas ficam muito distante da realidade na qual a professora trabalha ou não, acontece de eles não entenderem alguma música?

Não, não. Eles entendem sim, desde que tenha os gestos eles entram na brincadeira. Às vezes eles nem prestam muita atenção na letra e sim no movimento mesmo (gestos e/ou coreografia feitos durante a execução da música).

E sobre a infraestrutura de uma maneira geral, a professora tem acesso a materiais para serem trabalhados nas aulas, existe alguma dificuldade e/ou necessidade dentro da sua escola especificamente?

Olha, a escola tem bastantes materiais, tem bola, bastões, corda, cones, bambolês. Assim, como eu falei, às vezes a gente vem pra ter ideia mesmo porque a gente brinca uma ,duas, ou três brincadeiras ali com o bambolê e acaba o repertório né. Então ficar repetindo o ano inteiro aquilo, é por isso que a gente vem atrás de novas ideias.

O curso tem focado mais a vivência corporal, assim não trabalhamos muito em cima da teoria. A professora acha que existe a necessidade de se trabalhar mais o conteúdo teórico ou não? E da maneira como está sendo feito, abordando mais a vivência corporal e utilizando-se da prática, suas necessidades estão sendo atendidas?

Acho que atende sim, claro que essa conversa que tem ao final pra resgatar alguns conteúdos acho que já é o suficiente, não precisa ficar batendo ali na teoria.

E em relação à oferta de cursos, esses cursos são oferecidos pela secretaria, existe a dificuldade de cursas porque tem um por semestre ou até mesmo um por ano?

Eu estou na rede de Bauru há pouco tempo. Então, desde que eu entrei esse foi o primeiro curso que eu fiquei sabendo e acabei participando.

A divulgação foi feita, ou a professora ficou sabendo no “boca a boca”?

A secretaria manda folder pra escola e cada professor recebe um exemplar.

E na relação professores e administração escolar, se houver a necessidade de a professora cursar durante o horário de expediente, existe um diálogo para um resultado positivo pra ambas as partes, ou não?

A minha diretora permite, ela incentiva que a gente participe mesmo. Mas assim, não é sempre que a gente pode porque a secretaria não libera também. Se fosse por ela, ela liberaria tranquilamente. Mas a secretaria em si não libera fácil. A não ser que seja um curso que eles estejam oferecendo, ai eles abrem lá uma ou duas vagas pra cada escola e aí tem o sorteio, e se for sorteado participa, caso contrário não.

E se a professora fosse convidada a participar conosco do planejamento do curso para o próximo semestre, para discutir sobre os erros e acertos. Depois desses dois módulos cursados, a professora se sentiria a vontade para expressar suas opiniões de como comandar o projeto, quais temas poderiam ter sido abordados por mais tempo, baseando-se no seu relacionamento com os demais professores?

Sim, eu participaria sim [risos].

Entrevistado: Professor 2 (P2)

Data: 23/11/2010

Duração: 7'40"

Idade: 35 anos **Sexo (x) F** ()

Docência: 3 anos

A quanto tempo a professora trabalha com a Educação Física?

Eu me formei em 2005, e em escola eu trabalho há quase três anos.

O que levou a professora a participar do curso de formação continuada?

Aprender sempre é bom. E agora as crianças vêm mudando o comportamento e o interesse. Agora com a inclusão do primeiro ano, também, pouca matéria tivemos na faculdade a esse respeito. Então, tudo o que vem a acrescentar é muito bom.

Como a professora já participou do primeiro módulo. Atualmente, como anda expectativa da professora em relação ao curso?

Eu gostei, o curso vem trazendo bastante informação e eu pretendo continuar. Buscar cada vez mais porque vem direto com relação ao que acontece hoje., no dia a dia da criança.

Quais dificuldades a professora encontrou no ensino da Educação Física, seja no início da carreira ou atualmente?

É a agressividade. Eles acham que podem mandar em você. Controlar a turma e provocar o interesse é o mais complicado.

Esse problema é desde o início da carreira ou é atualmente?

No início da carreira também teve, mas como eu estava começando, eu tive muita dificuldade em encontrar o conteúdo pra passar para os primeiros anos. Tive que pegar livros e ir em busca do que passar pra eles.

No início da carreira, como a professora costumava sistematizar o conteúdo? Foi muito difícil, a professora dividiu o conteúdo da maneira como viu na faculdade, ou buscou livros, como a professora se orientou no conteúdo para trabalhar na aula de Educação Física?

No começo eu fui pelo o que a gente aprendeu na faculdade, aí depois eu fui tentando adaptar a realidade do local onde eu "tô". E buscando livros, consultando colegas e pedindo opinião.

Fico muito distante o ensino que a professora teve na faculdade no momento em que chegou na aula. Da faculdade, o que realmente orientou a professora e o que não se encaixou de forma alguma na realidade da escola?

A realidade da faculdade é bem diferente. Também eu terminei em 2005 e comecei em 2001. Na faculdade era outra realidade, o conteúdo muito interessante, a base do esporte realmente foi bem aplicada, teve a teoria e a prática. Mas em relação em como aborda as crianças, comportamento, e quanto ao primeiro ano, principalmente, a gente não tava preparada pra essa realidade.

Nesse caso, a professora busca o curso de formação continuada para dar continuidade aos estudos?

Isso.

Em sua opinião, a secretaria de educação tem oferecido os cursos de Educação Física, ou oferece um a cada semestre ou só de vez em quando?

Ah, tem oferecido, principalmente voltado exclusivamente para a Educação Física são dois por semestre. Mas têm outros cursos que auxiliam, também, eles pedem opinião pra gente, é muito importante que eles abrangem o que, tentam por no curso o que a gente tá precisando, a maior dificuldade nossa.

Quando a professora buscou o curso de formação continuada havia alguma dificuldade em específico, ou algum conteúdo que a professora estava procurando, ou até mesmo atividades novas para passar para os alunos, isso foi atendido ou não?

Foi sim. Principalmente em relação aos primeiros anos, primeiro e segundo ano. Porque eu tinha pouco conteúdo e o curso ajudou muito. Ajudou também em relação aos alunos especiais (necessidades), que têm vários lá na escola.

Existe facilitação da direção em autorizar a liberação dos professores para realizarem cursos em horário de expediente. Existe esse diálogo entre direção e professores?

Quando a gente conversa existe sim. A secretária Rita sempre manda ofício, ou telefona pra escola, comunicando sobre os cursos.

Que conteúdo a professora acha que poderia ter sido abordado durante o curso e não foi?

Foi tudo bem abordado, mas os conteúdos estímulos, motivos pra chamar a atenção da escola que é o mais complicado. E os conteúdos com alunos especiais (necessidades) que o que a gente aprende ainda é pouco devido a grande quantidade de diferenças entre eles mesmos.

Existe algum tema a cerca das necessidades especiais que a professora gostaria que fosse abordado?

Eu tenho muito autista, conteúdos de como estimular o sistema deles, que eles têm muitas dificuldades.

Caso a professora fosse convidada a participar conosco no planejamento do curso para o próximo semestre, você aceitaria?

No que eu puder ajudar, não sei quanto ao horário, mas no que eu puder colaborar, podem contar comigo.

Entrevistado: Professor 3 (P3)

Data: 23/11/2010

Duração: 19'56"

Idade: 28 anos **Sexo (x) F** ()

Docência: 3 anos

A professora trabalha a quanto tempo no ensino infantil?

É, eu não “tô” só no infantil. Eu “tô” no infantil e fundamental vai fazer três anos.

O que trouxe a professora a participar do curso de formação continuada?

Ah, porque na faculdade tem muita coisa que passa batido, porque o tempo se for ver é muito curto pra muitas abordagens. Então, essa parte da Educação Física mesmo não teve. Então, eu queria saber mais atividades pra tá trabalhando com as crianças.

Como a professora vê o papel da Educação Física no ensino infantil e fundamental?

No infantil é bem mais trabalhado. Isso foi uma coisa que a gente conversou bastante, tem bastante tempo de atividade né, tempo livre, enfim, brincar de roda é uma coisa que faz parte da rotina diária, então é totalmente diferente. No fundamental a gente ainda não leva tanto em consideração a importância.

E como está a expectativa da professora em relação ao curso agora que estamos próximos ao término do segundo módulo?

Ah, foi melhor do que eu esperava, eu não esperava tanta prática na verdade. Eu até achei que fosse ser um curso mais teórico e chato, [risos].

Muito importante isso, [risos].

É, sei lá. A maioria dos cursos é mais (teórico), se bem que tem mudado isso. No primeiro ano, quando eu entrei, o curso que eu fazia era tudo mais teoria mesmo, agora não, esse ano eu já fiz curso que são mais práticos. Teve um de música que eu fiz e foi bastante prático, então, isso é mais legal.

Como a professora costuma relacionar os conteúdos aprendidos aqui e leva-os para suas aulas, transmite de forma idêntica ou faz suas adequações?

Eu fiz algumas experiências de atividades pra ver se dava certo com os pequenos por meio de algumas adaptações. Mais os maiores, aquele negócio né, não tem muito tempo pra sair da sala porque a gente tem as coisas pra cumprir de conteúdo né. Então, com eles eu tenho feito umas brincadeiras mais dentro da sala, o que dá pra ser feito dentro da sala eu tenho feito, mas se tiver que levar pra fora aí eu já “tô” levando mesmo. Eles têm um horário de Educação Física né, que tem um professor, que é o professor [x] que também está aqui, e ele passa

algumas atividades daqui pra minha turma da tarde. E tem um parque lá que a gente vai às vezes, mas a área externa é meio concorrida porque tem dois primeiros anos e três segundos anos, então, não pode bater com o intervalo dos outros né. Não pode bater como o horário de Educação Física de outras crianças, então, o que dá pra ser feito dentro da sala eu tenho feito.

Então, as atividades aqui aprendidas tem como serem transmitidas na escola, elas ficam distante da realidade?

Não, eu acho que não ficam nem um pouco. Tem só quer ver que tem coisa que é pra certa idade e tem coisa que não. Por exemplo, uma brincadeira em roda com uma sequência de gestos ou esse negócio de falar frase e tirar frase pra turma do maternal não dá né, mas dá pra adaptar.

É isso que me instiga professora, não adianta nós estudarmos vários livros de como lecionar se não houver uma interação (diálogo) entre os professores que estão na prática e os professores que lecionam nas faculdades. Pra se saber o que realmente é possível na prática é necessário à interação com os professores que lá atuam, caso contrário, quando nos formamos teremos o choque da realidade.

Isso era uma crítica que a gente, a minha turma de pedagogia, que eu fiz pedagogia na UNESP de Marília, mas a minha turma criticava muito que tinha professor lá que não sabia do que “tava” falando, você entendeu, na teoria. E eu na época nem aula também não dava, só que eu fazia estágio remunerado pela prefeitura de Marília. Então, eu chegava lá e via do jeito que funcionava. Aí chegava lá na faculdade, a professora mestranda ou doutoranda que fosse querendo falar coisas que não eram daquele jeito, entendeu. Então tinha muito conflito de teoria e prática porque a pessoa não sabia do que ela “tava” falando, ela não tinha vivenciado aquilo.

Levando em consideração suas dificuldades para trabalhar, quais conteúdos você acha que deveriam ter sido abordados, ou até foram, mas você poderia ajudar numa melhor forma de abordagem, ou até mesmo com dicas de novos conteúdos para que possamos melhorar para o ano que vem?

Ai, quem sou eu pra dar alguma dica né. Mas assim, eu não sei. Eu não posso falar nenhuma coisa que eu senti falta, acho que tudo acrescentou, mas as adaptações a gente vai vendo no dia a dia, não sei falar assim o que faltou realmente. Cada turma é uma necessidade diferente, eu posso, por exemplo, achar que pra minha turma precisava de alguma coisa, mas pra turma do ano que vem talvez não. Então eu não sei. Não é uma turma muito complicada que eu tenho esse ano, bem que eles são muito competitivos. Assim, se eu tivesse que escolher um tema pra trabalhar com essa turma eu tentaria estudar alguma coisa mais pra tirar essa

competitividade deles, que eu acho que é demais, [risos]. Mas então, seria pra essa turma, talvez pra turma do ano que vem não seja isso.

O assunto da competitividade é muito interessante, recentemente eu terminei meu estágio no Ensino Fundamental I. Qual era a minha idéia de intervir com aquelas crianças, vou lá pra trabalhar o lúdico, fazer a interação dos alunos. E quando eu chego lá me deparo com crianças, mais especificamente as do primeiro ano, extremamente competitivas. Nossa como agir com essas crianças, a teoria ali foi por água abaixo. Trabalhar cooperação, amizade, sendo que é visível nas crianças a vontade de somente vencer.

Por exemplo, ontem eu estava dando uma atividade que era de grupos pra fazer um desenho, eles não conseguiam trabalhar em grupo: “porque o meu é bom o seu ruim, o meu é mais bonito o seu é feio, então você não vai fazer porque eu não quero desse jeito” entendeu, por causa dessa competitividade, a aluna pensa que tem que fazer mais bonito pra ganhar do outro grupo. Então se eles percebem que tem uma criança se destacando às outras não a querem no grupo, [risos].

Então, um conteúdo que a auxiliaria no momento seria sobre cooperação?

É, seriam atividades cooperativas, pra essa turminha seria isso sim.

Na sua escola, existem dificuldades de materiais ou até mesmo sobre o espaço físico pra se trabalhar com as crianças?

Na creche o espaço físico é horrível, eu tenho uma dificuldade muito grande porque apesar de serem só oitenta crianças o espaço ainda é pequeno demais. Então, tem um centro comunitário do lado, um salão da comunidade lá do bairro do [x], que o pessoal cede pra gente porque qualquer evento que for fazer, que tenha alguma apresentação de teatro e de dança, dentro da escola não dá pra fazer. Agora materiais, nesses dois últimos anos, têm de sobra. Porque fizeram questão de comprar tudo o que precisava e o que não precisava pra prefeitura de Bauru. Então, de material tem até o que não precisa. Na turma do fundamental tem bastante espaço, só que também são bastantes turmas. Então, daí tem aquela questão de num é qualquer horário que dá pra utilizar o espaço interno, tem que se adequar.

Às vezes você pensa em dar alguma atividade e outra pessoa está usando aquele espaço, aí você acaba trocando de horário.

Esse espaço que a professora fala, ele é reduzido (pequeno).

Não, é porque existem muitas turmas. Então tem que haver um rodízio.

Tem uma quadra?

Tem, mas é onde têm as aulas de Educação Física, e quando não têm as aulas de Educação Física, tem handebol com o pessoal do período (da tarde), do projeto. Tem assim um “areião”

, [risos]. Mas, é complicado dar atividade lá no “areião”. Então, eu, particularmente, não gosto muito porque depois eles vão voltar pra sala de aula e vão mexer no caderno e, por mais que lave a mão a roupa ainda fica suja, acaba sujando tudo. Têm essas diferenças, é diferente dos pequenos porque se o pequeno se embarrear tem uma troca de roupa, aí você vai lá e troca. Já os grandes não. Então, esse espaço externo de areia eu, particularmente, não gosto muito. Mas tem o pátio que é grande e dá pra usar também e tem um lugarzinho, assim, perto de uma árvore que é cimentado e dá pra usar.

Vamos falar agora em relação ao nosso curso, no modo como ele é organizado. Aqui a aprendizagem das atividades ocorre por meio da vivência corporal, valoriza mais a prática levando o professor a participar, experimentar as atividades. A professora acha que é mais fácil continuar trabalhando dessa maneira ou falta um pouco de teoria?

Então, pra mim, particularmente, num acho que faltou teoria porque de teoria a gente já até saturado, mas depende a formação da pessoa. Por exemplo, aquele texto que foi sugerido ser trabalhado e que não foi porque trocaram por uma atividade, não sei se você lembra. Falava sobre o desenvolvimento da criança e as fases do desenvolvimento motor, ela propôs esse texto da fase de desenvolvimento sobre o que seria mais adequado pra cada faixa etária, num sei que lá, isso aí você pula, entendeu. Porque se a gente quiser ver qual é a adequação de cada faixa etária a gente vai lá pega um livro ou o RCNs, lá já tem falando o que precisa pra cada idade, não é isso que vai acrescentar muito pra quem é formado. Eu sei que tem pessoas aí que não são, mas é a minoria que não tem a formação teórica no caso. Então, pra mim, esse tipo de texto que você acha na internet, foi da internet né, foi muito mais interessante a aula que teve sobre dança, aonde a professora veio e a gente fez, do que se ficasse duas horas falando sobre aquilo.

E como a professora faz pra guardar todo esse conteúdo, sendo ele mais vivência corporal?

Depende, se for alguma letra de música que eu não conheço, mas, sabe o que acontece, geralmente alguém tem. Aí você chega à escola e comenta: “ai! cantou tal música lá no curso, você tem?”. Aí a pessoa fala que tem em tal cd, você vai lá e pega, entendeu, [risos]. Ou eu tenho em tal dvd, ou tá em tal livro. Quando a gente não tem mesmo alguma coisa, entre em contato com a colega, sempre alguém tem aquilo lá. E também quando eu chego na escola, eu converso com a diretora e com as colegas e falo que aprendi tal coisa, foi legal e num sei o que, daí a gente troca. Mas é difícil ter alguma coisa que ninguém tenha nada, ou uma letra que ninguém saiba cantar.

Eu lhe fiz essa pergunta porque surgiu uma questão de fazermos uma apostila sobre as atividades vivenciadas no decorrer do curso, qual sua opinião sobre isso?

Não, é legal. É legal porque é, como é que fala, esquematiza e fica mais fácil na hora em que você for passar pros outros colegas, aí fica mais fácil de entender como está sendo o curso. Você pode fazer a propaganda, [risos]. A apostila é legal.

Em sua opinião, existe uma oferta de cursos de formação continuada, existe essa atenção, por parte da secretaria, sobre a reciclagem dos professores?

Os problemas dos cursos são que as vagas não são suficientes pra atender a todas as pessoas interessadas. Então, assim, abre a inscrição hoje e se você for fazer amanhã, assim, se uma coisa que muita gente tá querendo, amanhã já num vai ter mais. E as pessoas ficam lá, se é às 5:00 horas o início da inscrição, elas já chegaram às 4:00 horas. Daí acaba porque não tem vaga suficiente, quando você vai no outro dia, geralmente são dois dias, no segundo dia já não tem mais nada. Esgota tudo, aí muita gente fica até meio frustrado por não conseguir fazer.

Na sua escola, em particular, existe um diálogo entre professor e direção para que haja uma adequação no horário para a apreciação do curso?

Não, não existe dispensa pra fazer curso. Principalmente no local onde eu tenho dois contratos.

Tem que ser realmente fora do expediente?

Isso. E aí, quem faz extraclasse, que trabalha num horário e depois volta a escola pra cumprir no horário oposto, essas pessoas podem usar um pouco dessas horas pra fazer curso, isso pode. Mas, quem entrou agora, que nem eu e tem dois contratos, não pode. Então é só no período noturno.

Se a professora fosse convidada a participar do planejamento do curso para o semestre que vem, expressando suas opiniões, discutindo sobre os erros e acertos, você se sentiria a vontade?

Bom, à vontade eu me sentiria, mas eu não sei se é o suficiente, [risos], eu não tenho tanta experiência assim, não sei se é suficiente pra.

A professora trabalha realmente na escola e ainda acha que não tem experiência?

Ah, eu participaria, pretendo continuar o módulo, porque eu gosto dessa parte de movimento e ainda mais que é importante. E eu gosto mais da aula dos pequenos, né, sendo bem sincera. Então, eles são movimento puro e isso, pra mim, é muito interessante.

Entrevistado: Professor 4 (P4)

Data: 23/11/2010

Duração: 11'45"

Idade: 43 anos **Sexo (x) F** **()**

Docência: 18 anos

A professora trabalha há quanto tempo no ensino infantil?

Há 18 anos.

O que trouxe a Professora ao curso de Formação Continuada?

Bom, Já é a segunda vez que eu faço, fiz a primeira parte e estou fazendo a segunda pelo fato de conhecer novos jogos, novas músicas e novas maneiras de estar integrando a criança dentro do contexto da Educação Física. Porque antes era “patinho feio”, algumas coisas assim e agora não pois a gente aprende várias outras coisas.

A professora tinha uma expectativa no primeiro módulo, como está a expectativa hoje no curso de formação?

Olha, Atingiu. Pena que tem algumas atividades que eu não posso desenvolver por problemas de saúde, mas atingiu bastante em relação, que nem hoje, hoje estão sendo coisas totalmente novas, diferentes. Eu acho assim que elas estão procurando brincadeiras é, estão revivendo brincadeiras antigas que às vezes a gente até já conhece e por isso está sendo interessante.

Então veio a melhorar o segundo módulo do curso?

Sim, veio a melhorar.

Como a professora faz esse trato com o conteúdo, o conteúdo que elas estão trabalhando fica muito longe do conteúdo que a professora trabalhava, pois como você disse está sendo um resgate de brincadeiras já conhecidas, assim, esse conteúdo que a professora presencia atualmente como você pensa em abordar ele dentro da sua aula, dentro da sua realidade?

A gente trabalha com bastante projeto, então às vezes a gente trabalha com projetos de brincadeiras. Então as crianças e os pais participam com a gente, e essas brincadeiras a gente traz pra dentro da escola e da comunidade.

Dentro dos conteúdos abordados no curso tem algum em específico que não foi abordado e a professora gostaria de ter visto?

Bom, Como eu tenho uma aluna com deficiência visual seria interessante atividades que abordassem o tema, pois sinto dificuldades em integrar essa criança nas atividades cotidianas, falta orientação. Eu não sei até que ponto eu posso ir com essa criança.

Qual sentido a professora atribui à Educação Física no ensino Infantil?

Olha, é de grande importância porque desenvolve todo tipo de habilidade na criança. Então, a habilidade motora pra quem não tem, que através de jogos será desenvolvida.

A professora sente falta de um embasamento teórico, ou as próprias vivências do curso já propiciam uma tranquilidade para professora atuar com a Educação Física?

A teoria assusta um pouco, mas depois você colocando ela na prática é totalmente diferente. Então eu prefiro à prática à teoria.

Então, para a professora, é mais interessante ter a vivência corporal?

Exatamente, eu prefiro à vivência corporal a teoria.

O que a professora citaria como conteúdos a serem abordados, levando em relação suas dificuldades no ensino da Educação Física?

Quais são as facilidades e dificuldades, sejam em relação a espaço físico ou materiais, que professora encontra ao trabalhar com a Educação Física?

Bem, Temos uma quadra razoável, não é grande, mas tem um espaço físico legal para trabalhar. Material a gente tem muito, fora os que a gente confecciona com sucata. Então, em relação a material a gente tem bastante, isso permite a gente trabalha bastante com as crianças.

Como a professora vê o relacionamento da Educação Física com as outras disciplinas, bem como a visão que os professores e a própria direção tem sobre o ensino da Educação Física?

Hoje todo mundo vê que a Educação Física é importante. A direção coloca que é necessário que a gente proporcione a Educação Física para as crianças. Às vezes a gente fala pra você que tem aula duas vezes por semana, mas tem vez que você tá trabalhando o conteúdo da matemática que dá pra trabalhar dentro e fora da sala utilizando a Educação Física. Assim, você vai lá pra fora, pega um arco ou outra atividade que dê para desenvolver os conteúdos da matemática. Então a Educação Física não está só naquele intervalo de Educação Física, a gente trabalha ela também em outros conteúdos.

A professora tem acesso aos cursos, principalmente, na área de educação Física ou sente dificuldade para encontrar esses cursos, ou até mesmo existe um curso por semestre ou um por ano?

Não, Os cursos que nós temos são estes aqui que nós fizemos, e a nossa direção está sempre trazendo uma professora na reunião pedagógica para tá conversando com a gente e tá ensinando coisas novas. Na última reunião pedagógica, nós tivemos uma ótima envolvendo Educação Física com música. Então, foi, assim, extraordinário porque a gente trabalhou o som, o corpo dentro da música. Então, além desse curso nós temos a reunião pedagógica.

Então existe um bom relacionamento entre professores e a direção da escola?

Sim.

Após ter acompanhado os dois módulos do curso, se a professora fosse convidada a sentar conosco e planejar o curso do próximo semestre, a professora se sentiria a vontade e gostaria de participar, criando e até trazendo as dificuldades dos professores em seus locais de trabalho?

Acredito que sim, mas tudo dependerá da época.

Porque a idéia do curso é essa, é a de formar um curso junto com os professores aproveitando-se da participação de todos. Assim, Você acha que o grupo atenderia bem a essa proposta?

Eu acredito que seria até melhor, porque às vezes a gente tá trabalhando e surge aquela dificuldade e não é posta dentro do curso. Então seria interessante ter a participação de todos.

Teve alguma dificuldade que a professora observou e eles não colocaram para o grupo, ou até mesmo, tal dificuldade poderia ter sido melhor abordada?

Não.

Uma das questões que surgiu durante as entrevistas foi de catalogar as atividades e até mesmo formar um apostila das mesmas, o que a professora acha disso?

Seria Interessantíssimo, hoje foram passadas várias músicas e quem está anotando não está prestando atenção, quem presta atenção não anota, é uma coisa ou outra. Então eu acho assim, tem que ter um apostila. Como a gente traz um cd para elas (bolsistas) gravarem as brincadeiras. Então, deveria se encontrar, juntamente com a secretaria, um método de vocês estarem disponibilizando uma apostila com todas as músicas, brincadeiras e exercícios.

Como a professora vê a questão da vivência das atividades, o problema em ler e aplicar uma atividade?

Claro, aí é o caso, que nem, a gente tá aqui hoje, então, vocês planejam a aula e no final nós receberemos a atividade impressa. Não precisa ser uma apostila no final do curso, porque esses dias teve amarelinha, são inúmeras amarelinhas e muitas informações que às vezes passa até despercebido. Você chega à escola e fala: vou dar aquela amarelinha, mas alguma coisa escapa. Então, eu penso assim, planejou amarelinha hoje, trazer esse material para que no final do curso a gente ter. Teve o dia da dança e foi muito interessante, mas assim, ensina muita coisa e pouco a gente consegue memorizar, como no caso das músicas. Então eu acho que seria interessante a gente ter uma documentação disso.

As atividades aqui propostas atendem a sua realidade ou ficam muito além da realidade?

Algumas sim, mas que nem amarelinha a dança, a gente consegue colocar, mas tem muitas coisas que ficam difíceis da gente colocar pra educação infantil. Então, esse curso tem professoras de Educação Física, então pra elas é interessante muita coisa, mas pra gente fica além. Porque cada vez mais está diminuindo a idade com que a criança vai pra escola. Então se imagina uma criança de um ano e oito meses, o que você pode tá trabalhando com ela. Então tem muita coisa que fica além.

Nós também temos uma carência grande em trabalhar com o público infantil, mesmo porque ficaria difícil deslocar essas crianças até aqui para fazermos uma vivência. Porém, temos alguns vídeos que demonstram o trabalho com o público infantil, se passássemos esses vídeos no curso, o trabalho ainda ficaria além ou ainda teria que ter a vivência?

Bem, eu acho que daria até certo, sabe por quê? Eu tive uma estagiária, se eu não me engano de Educação Física, que ela fez isso. Ela filmou algumas atividades em várias escolinhas e depois ela apresentava. Então, isso era passado em uma reunião pedagógica ou em meia horinha de folga que tivéssemos. Então quem não tinha a condição de estar participando de um curso, tinha a visão de coisas novas, atividades novas através do vídeo.

A exposição de vídeo é muito cansativa?

Não, mesmo porque não precisa ser todos os dias. Mesmo porque lá nós assistíamos os vídeos a cada duas semanas.

Entrevistado: Professor 5 (P5)

Data: 23/11/2010

Duração: 11'45"

Idade: 41 anos **Sexo (x) F** ()

Docência: 18 anos

A professora atua somente no ensino infantil?

Isso. Já faz dezoito anos.

Faz quanto tempo que a professora participa do curso de Formação Continuada?

Esse é o primeiro módulo agora.

O que trouxe a professora a participar do curso de Formação Continuada da UNESP?

Então, como eu sou professora da educação infantil, eu vejo, assim, uma preocupação muito grande em trabalhar essa questão do corpo na escola, no espaço escolar. Porque as crianças estão vindo bem cedo pra escola, né, e elas são todas movimento. Elas já chegam, é, são movimento o tempo todo. E aí quando eles entram na escola a gente já vai começando a colocar tudo em ordem de forma a né, vai, vai (reprimindo) esse movimento da criança e não vai buscando, assim, de trabalhar como “tá” aproveitando esse movimento que a criança trás e “tá” trabalhando isso com ela. Porque a gente, de repente a gente não faz uma leitura da criança, que através do movimento ela “tá” se expressando o que ela, qual é a necessidade dela. Eu como professora da educação infantil vejo, assim, será que nós estamos trabalhando as necessidades das crianças no prezado momento. A partir do momento em que a criança entra na escola a gente já vai pensando naquele ensino já formalizado e esquece-se da criança, o que ela necessita nesse momento pra se desenvolver. Porque a gente vê, de repente você “tá” no fundamental e vê criança que não sabe pegar no lápis direito, não sabe sentar direito, não tem coordenação, sente dificuldade pra se locomover. Por que tudo isso? O que nós estamos fazendo? Será que estamos dando essa liberdade de exposição à criança. Então, eu como professora da educação infantil vejo essa necessidade de “tá” explorando muito o corpo. Falam tanto, assim, linguagem oral, escrita, ai! Que tem (...). Eu acho importante, mas, eu falo assim: “a primeira comunicação da criança é o corpo, ela se expressa através do corpo e a partir do momento que a gente manda ficar quietinho, mas a primeira comunicação dela é isso, depois que ela vai aprender as outras linguagens, né, que vai, né, procurar as outras linguagens. A gente tem que partir daquilo que ela já possui, né, e não falar, assim, que isso agora não vai servir, mas sim aproveitar isso pra tornar o ensino mais significativo, partindo do corpo da criança. Ela tem que vivenciar esse conhecimento, como ela vai vivenciar isso,

pelo corpo. De repente a gente fala: “vamos brincar de roda”, brincar de roda com o corpo, “agora vamos desenhar uma roda”. A criança vai ter uma compreensão melhor de roda porque ela vivenciou aquilo. De repente nós professores não temos esse olhar, acabamos falando que a criança é imatura. Imatura a que ponto? Uma criança da educação infantil imatura, [risos], muitas vezes tem que ficar escutando isso, né, imatura a que ponto, mas ela (a criança) “tá” mostrando que ela é nesse momento. Às vezes somos nós os imaturos e não estamos enxergando a criança naquele momento. Por isso, que eu vim participar desse curso pra gente “tá” aí fazendo essa troca, né, de ver como “tá” se trabalhando com o corpo e qual seu objetivo. Porque às vezes, né, tá ali o corpo, mas pra que eu vou trabalhar esse corpo. Quais são os objetivos? Às vezes é melhor eu deixar eles quietinhos porque depois eu não controlo, eu me perco e eles também perdem o limite.

A professora é formada somente em pedagogia?

Atualmente estou terminando meu curso de pós nessa questão mesmo da pedagogia, do teatro e da dança. Trabalha a questão do movimento mesmo, porque isso me incomoda. A questão do movimento na educação infantil, por que a criança não pode se movimentar?

Sua resposta foi muito rica em relação a definição de expressão corporal, apontando que as crianças se expressam por meio do corpo. A professora tem contatos com professores de Educação Física, ou já fez outros cursos na área de Educação Física?

Sim. Tudo o que envolve o corpo mesmo, como eu disse lá começo, isso vem me incomodando. Porque a gente tem que trabalhar essa questão da autonomia da criança, né, a expressão. Você vai dar a liberdade da criança ter autonomia e de mostrar o que ela realmente é, porque de repente a gente vai entrando nesses padrões que a sociedade impõe e a gente vai colocando esses padrões (transmitindo isso pra criança). Mas e o ter, ver quem é a pessoa. De repente a pessoa tem um potencial tão grande só que não deixam ela se expressar. Porque o foco é a alfabetização da leitura escrita e matemática, mas é o todo que a gente tem que ver, é o todo, é trabalhar o corpo. Então através do corpo ela vai ver também essa questão de espaço e de (...), como é que é, e joga uma bola. Tem tudo, é uma coisa ligada à outra. Então, com criança mesmo, da faixa etária que eu trabalho, até nós adultos quando a gente vai mexer com o corpo, como é que se diz, aquela timidez de trabalhar com o corpo, de se mostrar, vamos desenhar com o corpo. Então tem muitos tabus também, né, em você perceber o seu corpo. Então eu acho que nós educadores precisamos a ver as pessoas como um todo. Eu sou uma pessoa, que tem um corpo, que ocupa um espaço e o que eu posso fazer com ele. Oh! Se eu esbarrar ali eu “vo tá” desrespeitando o espaço do meu amigo, até aonde eu posso ir. Olha, perceber o rosto, como que eu chego, essa questão de relacionamento. Então a Educação

Física é muito importante na, na formação mesmo do ser humano, como pessoa. Nós somos descendentes dos macacos, né, os animais. Somos os animais racionais, né, mas às vezes, né, kkk, irracionais, né, A gente fala (para as crianças), assim, vamos observar aquele animalzinho lá, o passarinho. O que ele “tá” fazendo? “Tá” vendo? “Tá” levando comidinha. Olha, ele “tá” cuidando. Então, eu acho que as pessoas tem que começar a fazer isso, observar mais o outro. Por que que o outro “tá” agindo dessa maneira? Porque às vezes o aluno chega na sala, ou ele é muito agitado ou muito quietinho e “tá” afastado do grupo. E aí, como que eu vejo esse aluno? Ah! Esse daí não tem jeito, então, tem que tá no olhar mesmo, o olhar tem que tá atento e “tá” percebendo, trabalhar essas diversidades mesmo. Porque que ele tem esse movimento, ai você vai conhecer a estória, hoje mesmo, tem um aluno lá que ele sobe no poste da escola. Ele gosta de subir, e hoje ele falou que ia apagar o fogo lá, o pai dele é bombeiro. Então é uma coisa que às vezes a gente fala: “desce daí menino”. Mas ele já traz a estória dele, a vida dele pra dentro da escola. É porque o bombeiro tem que fazer assim, tem quatro anos o menino e “tá” lá naquela habilidade. Tem criança que não tem aquela habilidade de subir porque nunca vivenciou às vezes. Ai! Num vai ali porque machuca, não faz isso porque é perigoso, mas ele não, pela habilidade dele aquilo lá é incentivado dentro (...) (da casa dele). Então, de repente a criança tem uma cultura rica e a gente não dá esse momento dela se socializar com outro, partilhar com o outro né. A gente fica naquela coisa né, tudo bem que na aula de Educação Física vai cair, tem que ter cuidado tudo, então né, de evita acidentes. A gente tem que “tá” proporcionando situações da criança “tá” explorando o próprio corpo, de “tá” se descobrindo, o que eu (a criança) posso fazer? Porque hoje em dia as crianças as crianças “tão” ficando tudo travado, vou ficar ali no sofá, no computador. Tem criança que mora em apartamento, tem dia pra sair pra brincar, não tem aquela coisa. De repente a escola é esse espaço pra tá ali se desenvolvendo, fortalecendo os músculos, essa questão. Então, é, mas infelizmente o que eu vejo ainda existe muito preconceito nessa questão do movimento. Olha, vai fazer bagunça, olha, já vai ela (a criança), onde já se viu você dar uma atividade de andar diferente, não é assim que anda. Tem muita gente que fala isso. Então, a formação do educador é muito importante pra ir diminuindo, vai diminuindo aos poucos. Porque é difícil né, a gente já foi criada ali naquela concepção. Oh! Você vai pra escola pra aprender a ler e escrever. Tem gente da educação que só pensa isso, pra mim já uma coisa ampla, global né. Então, essa questão da formação continuada é bom, porque aí vem um professor dá uma troca de experiências, mexe, causa aquele incomodo. Então você vai tentando mudar aos poucos né. Então eu acho que é muito válida essa formação né, de “tá” trazendo coisas novas, mostrando que é possível, que Educação Física não é bagunça né,

[risos], “tá”, assim, trabalhando mesmo essa questão do corpo no espaço e essa interação do indivíduo com o meio né, é isso aí. Ah eu falo de mais, [gargalhada].

Não, suas informações são ricas. Aproveitando, eu vou tentar puxar alguns trechos do que a professora falou. Aparentemente a professora trabalha muito com o corpo em suas aulas, bem como é ciente de situações que podem ocorrer em uma de Educação Física, por exemplo, as quedas dentre outras coisas. Então, como que a professora costuma trabalhar a questão do corpo em suas aulas e como a professora observa o relacionamento dos outros professores vendo-a trabalhar como educadora física?

Olha. Uma coisa que me levou a buscar o trabalho, trabalhar com o corpo foi isso mesmo, esse incômodo. Porque sempre na entrada eu procuro receber as crianças com música, brincadeira de roda, peço pra eles se expressarem e tudo (...). Aí eu escutava sempre assim: “agora acabou a hora da brincadeira , vamos trabalhar”. Como se aquilo que seu estava fazendo não fosse trabalho. Nossa! A partir do momento que entra lá (...). Então isso, eu falava assim: “como vamos trabalhar”. Aí você tem que escutar isso e ficar quieta né, pra você conviver né. Aí eu falei assim: “não, como assim vamos trabalhar”. “Então, eu fui buscar, “falei assim:” o corpo é importante”. Então, eu priorizo o corpo. Vamos andar que nem jacaré. Porque a criança, na faixa etária que eu trabalho é de um ano e oito meses, ai! Agora vamos andar que nem lagartixa, ai! Agora a gente virou uma bolinha, ai! Olha o boi , é esse lúdico, esse brincar, é você “tá” trabalhando essa expressão, aí eu falo, assim, é tudo fácil. Então, eles têm que curtir agora porque depois que ficar adulto a gente vai falar ai né (...). Então esse é o momento. Então, você vai trabalhar esse simbólico com o corpo pra depois a criança oh! Eu já vivenciei (...), ai! Eu vi um elefante, eu brinquei de ser elefante. Aí ele vai lá passar no papel o significado, ele tem a noção do que é porque ele vivenciou, e às vezes observa, assim, essa ânsia, né, da pessoa alio que tem que passar no papel, tem que registrar. Na minha faixa etária é o movimento. Então, vamos perceber o nosso corpo. “Tô” trabalhando agora um projetinho finalizando o ano com o projeto do corpo né. Como que surgiu esse projeto, eu “tava” trabalhando o conto de “Alice no país das maravilhas” e lá tem aquela parte de que é você? Aí eu falo que eu sou um nome , minha mãe (...), eu sou assim, eu tenho um corpo. Aí começou né, eu respiro, como eu nasci, desde quando “tava” na barriga da minha mãe como que eu respirava. Então eles vão percebendo que agora eu “tô” crescendo, meus ossinhos estão (...), então eu mostro a figura do corpo humano pra eles, tem um livro lá na minha escola . Eu não tive isso, isso que eu “tava” falando pra uma amiga minha. Eu não tive essas coisas, um livro tridimensional com aquele corpo humano. Então as crianças viram aquilo. Nossa! Tem tudo isso e num sei que. Ai olha, então vamos escutar o coraçãozinho,

perceber o corpo. Será que a gente “tá” tendo esse tempo porque, às vezes, a gente fica preocupada com tanta coisa. Eu “to” falando do que é prioridade na educação infantil. No dia a dia você fica preocupada com tanta coisa e o essencial não é trabalhado. Perceber, olha o coração “tá” batendo, vem ouvir o coração da professora, será que “tá” batendo? Ai, olha, você vai comer pra ter energia. Vamos lá mexer o joelhinho, olha! Você tem um joelho. Ai você pega outros livros e vai contextualizando com outro material. Olha! Então, aqui fala do (...), eu tenho uma coleção do Ziraldo ótima que fala sobre o corpo humano, que fala sobre os pés, fala sobre joelho. Hoje, eu trabalhei joelho Juvenal. Então a gente ando com o joelho, mexeu com o joelho e fez carinho nesse joelho, as crianças (...), é esse brincar, sabe. E eu acho que a Educação Física, não sei se você “tá” aí na graduação, de repente a gente não tem essa formação. Porque eu fiz também a minha pedagogia, e é quando a gente “tá” lá que a gente vai ver como é que são as coisas, a gente vai procurando por fora né. Mas, essa questão mesmo de como você chega na criança e vai envolver a criança, porque nós adultos já chega querendo dar regras na educação infantil. Olha! Nós vamos jogar assim, então a criança não tem liberdade de vivenciar aquele material que foi colocado. Hoje nós vamos trabalhar com o corpo, vamos lá? Porque eles, você inicia e eles vão continuando o percurso, porque eles têm uma imaginação que eu falo que aprendo, no mais é uma troca, eu e os meus alunos. É essa troca. Eu acho que o professor tem que “tá” aberto pra essa troca, desde os mais bebezinhos. Desde até os bebezinhos mesmo, os bebezinhos têm umas atitudes e você fala: “meu Deus! como é que eu vou lidar com isso? É dessas dificuldades que a gente vai correndo atrás.

Como a professora vê a atuação do profissional de Educação Física? E aproveitando-se de um ponto interessante que a professora ressaltou, o professor de Educação Física, quando chega ao ensino infantil, quer por regras, regrar as crianças. E as crianças, nas atividades que a professora propõe, constroem a brincadeira. De todas as atividades propostas no curso, elas estão adequadas para o ensino infantil, qual seria o trato que nós educadores físicos teríamos que ter com o ensino infantil?

É, teve atividade aqui apresentadas, assim, que na educação infantil tem que dar uma adaptação né, que nem a amarelinha, a gente vai, né, primeiro adaptando de acordo com a faixa etária. Porque os menorzinhos geralmente eles vivenciam o outro a brincar de amarelinha, um maiorzinho, é isso mesmo de observar o outro, é imitação mesmo. Então eles vão lá e vão pulando lá com os pezinhos do jeitinho deles e, assim, a questão da musicalização que foi ótima, que nós tivemos sobre o movimento. Porque a criança (...), essa dança mesmo, eles adoram dançar. E a gente observa que a música tá meio apagada nas escolas. É, a gente não escuta, assim, a dança é mais pra apresentação. Ai! Vai ter uma

apresentação, então você tem que ensaiar pra apresentação, mas não é dentro do corpo cotidiano. E com as crianças pequenas é o que eles mais gostam. Jogos com bola também foi muito bom, assim, eu vi porque é, que aqui tinha professores do fundamental e da educação infantil. Então a gente já vai vendo e já vai adaptando, eu acho que é complicado pra quem dá aula para o fundamental e vai dar aula para o infantil, porque aí você tem que colocar no nível lá, como é que eu vou trabalhar com essa criança de um ano e oito meses, que nem bola, que bola que eu vou dar? Aí eu vou ter que procurar uma de bola de espuma, uma bola mais (...), hoje eu vou trabalhar com bola de futebol, hoje eu vou (...). Então, eu falo que exige mais, você tem que ter várias atividades assim para os pequenos, que são os mais (...) eu acho que foi ótima assim, sabe, de a gente “tá” revendo algumas atividade, que nem o vôlei, né, que põe a rede humana e é muito legal e com a minha turminha de quatro anos é possível fazer né. O saltar também, que nem as atividades de saltar que vocês proporcionaram aqui pra nós, eu falei assim: “é isso mesmo”, porque às vezes a gente acha que é uma coisa, ah! Mais vai saltar, a criança tem dificuldade em pular com os dois pezinhos. É difícil, a gente pensa que, ai! Essa atividade é tão assim (...) é. E tem a questão do equilíbrio né, do saltar, aquele de pular a corda em altura (referência à atividade feita no curso). Então, eles não conseguem ainda mais com os dois pés juntos, não!, é complicado até você ter um equilíbrio. Então, isso é importante de estar sendo trabalhado, porque se ela tem o equilíbrio ela terá o equilíbrio lá nas idéias também, isso é o nosso corpo, é todo o condicionamento do nosso corpo. Então, eu acho, assim, que foi ótimo, excelente o conteúdo aí né, mas é questão do professor, porque que nem na nossa escola não tinha professor de Educação Física. Então eu acho que se tiver um professor mesmo especialista de Educação Física seria mais rico porque aí o professor generalista, que somos nós, tem essa troca de como nós vamos trabalhar. Pra que é isso? Sabe, isso daqui é bom pra isso, a criança (...), aí seria mais rico. Eu falo que era (...). Então, essa oportunidade de estar aqui na Unesp tendo esse contado com professores especialistas, doutores, alunos, assim, então a gente começa a ter um leque maior, assim, uma visão, olha como é importante isso, porque nós não somos (...) somos pedagogos em sua maioria aí. Mas se tivesse um professor de Educação Física mesmo na (...), pra ”tá” ali coordenando, participando porque até pra professor que nem tem experiência com os pequenos fica mais rico ainda. É no dia a dia ali, “tá” ali junto com o professor ali, eu acho que seria (...). Nossa! Porque daí você vai explorando mais, vai se organizando.

É muito difícil para nós imaginarmos as situações que possam ocorrer no ensino infantil, mesmo porque nós não temos contato com essa faixa etária. Assim, muitas das vezes fazemos atividades muito regradas e por isso é interessante esse compartilhar com os

professores que atuam no ensino infantil. Aproveitando sua longa carreira nessa faixa etária, qual tema a professora acha que deveria ser abordado ou, se foi, poderia ter sido mais bem abordado sobre esse relacionamento com as crianças?

Que nem nós da rede municipal, os professores em geral, nós estamos passando por uma transformação, assim, porque nós estamos começando a trabalhar com crianças bem menores. Na educação infantil nós trabalhávamos com crianças a partir de três anos, agora estamos trabalhando com crianças de um ano e oito meses. Então veja bem, nós vamos ter que buscar, né, estudar, pra ver como é que eu vou estimular essa criança, que atividade eu vou fazer pra essa criança de um ano e oito meses, o que eu vou fazer de movimento? Então atividades com caixa, que nem teve jogos e brincadeiras de um texto que a professora deu e que a gente pode colocar lá elementos da Educação Física como bola, latinha e caixas. Então, porque às vezes ficam pensando que uma coisa muito difícil. Então, pegar esse material que eu posso trazer pro ambiente lá, não sei, porque esse ano eu fui numa escola, lá em São Paulo, que tinha umas coisas de reciclável, interessante. Tinha cilindro, passagens. Então eles entravam naquele espaço com uma caixa e um tecido, eles brincavam ali. Então fazia [...] outro que era só pra pular, que nem aquela exposição, não sei se você foi, proibido não tocar que teve no SESC, que era assim, as crianças tinham contato, tinha várias camadas. Então, eu não sei, a gente vai ter que [...].

Resumindo professora, nós estamos acostumados somente com os materiais industrializados, por exemplo, a bola, a corda e o bambolê. Se os coordenadores do grupo se reunissem para buscar atividades que envolvam a utilização de materiais que estão a nossa volta e os quais não damos a devida importância (caixa, lata, papelão e etc.) Isso seria uma boa proposta de trabalho para o semestre seguinte?

É, eu achei legal aquela oficina, que as meninas deram de brinquedos. Tinha um lá, a pipoqueira. Eu até aproveitei porque eu comecei a trabalhar o corpo, o nosso ar, né. Então vamos colocar o nosso ar de dentro pra fora, eles amaram. Então, esse tipo mesmo de material que está aí no nosso dia a dia e às vezes a gente não dá valor.

Então professora, esquecer aquela idéia de que falta material, o que falta é?

Falta criatividade, rs.

Mudando um pouco de foco, como a professora vê o relacionamento dos professores com o ensino da Educação Física e como ela é abordada no ensino infantil. Em suma, particularmente na sua escola, ela é trabalhada ou, na sua escola, a ênfase maior é o ensino oral, escrito e raciocínio lógico?

Atualmente lá na minha escola tem muitas professoras que gostam de trabalhar com o corpo. Então aí uma vai fazendo as coisas. Tem eu e a [x] que trabalhamos na mesma escola, então, ela trabalha durante a tarde e eu durante a manhã. Então, a gente começa um movimento e eu faço um movimento de manhã e ela à tarde. Então vai puxando uma corrente, né, então [...] mas porque você vê que o pessoal precisa puxar, um puxa o outro. Porque aí você vai começando e acredita naquilo, claro que não vai logo a primeiro momento encantar, [risos], vai devagar. E assim, tem até quem trabalha mas ainda é devagar, assim, atividades com bola, e tem bastante material. Se você falar assim: “ai! Eu não trabalho porque [...], [risos], porque material tem, peteca, essas coisas, mas eu acho que precisa mesmo você dar essa prioridade mesmo do movimento e, como eu falo, a educação infantil é essa questão mesmo do movimento, mas ainda tá, assim, ai! A criança tem que ir para o fundamental, se preparar para o fundamental. Então, essa questão de rolar no chão tem que aprender desde pequenininho, esses dias eu “tava” virando cambalhota com eles. Eu fui lá e disse: “vamos virar cambalhota”, mas eu fui virar pra mostrar pra eles e eu mostrei essa questão do medo que a gente tem. Eu falei assim: “ai meu Deus! Será que eu vou conseguir porque faz tempo que eu não faço. Eu estava até comentando com as professoras da escola, que bem que a escola poderia ser assim, por exemplo, eu gosto de movimento, então eu trabalhar com o movimento com todas as turmas. A outra gostar de dar música, trabalhar com [...], sabe, assim, acho que uma área “pra” “tá” trabalhando e “pra” gente já foca. Porque eu falo que o professor generalista ele é pavão, é tudo, tem que fazer tudo. De repente se você gosta de um movimento, trabalhar com todas as turminhas, desde as criancinhas até os maiores, que daí a gente vê o desenvolvimento e sabe que essa turma gosta mais disso a outra já [...] vai vendo o progresso, né. E, acho que eu perdi o fio da meada, [risos].

Tranquilo, [risos].

É isso aí, o movimento e o que mais? Você perguntou se os professores [...]

Tem um bom relacionamento com a Educação Física?

[...] com a Educação Física, é. Então, mas a gente vê que tem professores que ficam mais, né, ali mesmo na salinha naquele momento bem reduzido. E essa questão de bola, nossa! Os pequenininhos gostam muito. Eu falo assim: “já pensou se eu pegar os cavalinhos de pau e sair trotando, né”. Porque com criança você tem que fazer isso, é criar, vamos puxar o carrinho, brincar de puxar o carrinho e fazer o movimento, né. Bastantes brincadeiras de roda, é, de repente fica muito assim na questão do sistema didático.

E em relação ao curso, professora. Existe uma divulgação dos cursos de Educação Física para os professores do ensino infantil, bem com esses pedagogos têm acesso a esses cursos ou teve somente esse curso no ano?

Eu acho que como essa questão de movimento é prioridade deveria ter mais, que nem, quando eu vi esse curso de movimento disse que é esse que eu vou. Porque eu preciso trabalhar essa questão do movimento com essas crianças, porque eu falei, assim, “agora o meu foco não é mais” [...], eu trabalho com crianças da primeira infância, então não é ler e escrever. Entendeu? É essa questão mesmo do copo de estar conhecendo, então é [...], eu vim aí é [...] que eu saiba teve outros cursos sim de Educação Física para o ensino infantil lá na rede. Mas como são poucas vagas eu não tive acesso, assim, a gente vai aos pouquinhos. Mas esse daqui já é um curso que eu pretendo dar continuidade, que ne tem um outro curso que eu faço na Unesp também, que é o “arte na escola” e faz seis anos que eu frequento. E eu falo que não posso ficar sem [...].

Como é o nome do curso?

[...] é o “arte na escola”, é um curso que trabalha, também, a sensibilidade e essa questão do corpo. Que nem a professora de desenho, ela fala assim: “criança desenha com o corpo”, então tem que fazer esse movimento e é uma coisa ligada à outra. É essa linguagem que eu tenho que trabalhar com os meus alunos, é a linguagem da arte, arte e movimento. Então já faz seis anos que eu “tô” nesse grupo, né, e foi por incentivo desse grupo que eu fui fazer a minha pós em pedagogia do teatro, da dança “pra” trabalhar os movimentos com a arte e a expressão. A linguagem é expressão e se você não dar [...] se fosse fica, assim, fica quietinho, isso não dá liberdade pra criança se expressar verbalmente nem nada. É um robozinho mecânico ali, e eu falo: ai meu Deus! Porque a gente fala assim: como é que eu fui educada? A gente partir daquilo que tivemos como modelo e é uma coisa diferente pegar as coisas boas e que não deixa marcas e tentar fazer, transformar para o momento atual. Só fazendo esse esforço “pra” melhorar cada vez mais a minha prática com os meus alunos. A gente “tá” sempre procurando dar o melhor e às vezes a gente dá uma desanimada e as pessoas não entendem né. Essa daí só canta e essa daí já veio fazer bagunça. É porque vamos lá pegar o tambor, vamos de jacaré um atrás do outro. Jacaré boiou, né, e vamos brincar de jacaré, vamos pendurar na tromba do elefante, e é esse brincar porque “pra” trabalhar com criança tem que ter essa energia. É essa energia que vai contaminando, que vai nos alimentando. Quando você vê que o aluno “tá” ali com prazer trabalhando, e que você não precisa chamar a atenção da criança, pois ele “tá” ali se envolvendo. Eu me impressiono porque eu não quero chamar a atenção da criança, eu quero fazer coisas em que elas se envolvam, que quando a

gente vê, sabe quando a criança não se envolve, a gente tem que parar e avaliar o que está acontecendo. Será que é comigo, né. Por que será que estou chamando tanta a atenção? Onde eu tenho que mudar, o que eu tenho que fazer pra mudar isso? Essa avaliação a gente não quer também assumir porque nós somos acostumados. Nós somos, né. Mas calma, as crianças estão ali e você vê que quando eles estão envolvidos eles participam. Eu tenho prova disso. Ontem mesmo eu li uma estória lá sobre o nascimento de Jesus, eu nem pedi “pra” menina e mesmo assim ela trouxe. Ai! Eu achei um livro de Jesus na minha casa, pedi “pra” mãe. Então eu falo que isso tá sendo significativo, criança que você vê que não tem esse envolvimento de família você vê que “tá” indo [...], “tá” lá por [...] né. Então é essa questão mesmo de tornar prazeroso. E a Educação Física é prazerosa. É o brincar na educação infantil, é o brincar. É o prazer de estar ali se relacionando com o outro, de aceitar o outro. Agora é minha vez, não é minha. Como é que nós vamos fazer “pra” [...], é complicado. Ainda mais os pequenininhos ali que querem ocupar o espaço do outro, não, é meu é tudo meu. Porque primeiro é o eu, depois que vai se ajeitando e formando o grupo. E aí vê que aquele ali pensa diferente. Ah! Mais não, ele tem que pensar como eu. A gente começa a olhar, a observar e fala: “somos nós ali”. Tudo o que a gente já viveu e às vezes a gente quer resolver num piscar de olhos. A criança é imatura, somos nós que somos imaturos.

Qual era a expectativa da professora antes de iniciar o curso e como está essa expectativa ao final desse módulo?

Olha. O curso foi bom porque teve a parte teórica, eu achei importante essa parte teórica. E essa questão da participação, quando um professor vem para um curso de Educação Física ele tem que estar ciente, também, que ele tem que participar das atividades. Porque na sua prática você vai ficar sentado e vai deixar as crianças fazerem sozinhas. Você tem que estar participando. “tá” ali, não é só dar o jogo “pra” eles ali fazerem. Então, tem que vir “pra” “tá” buscando a teoria, o embasamento teórico. Porque isso é importante, você tem que saber o que está passando. Porque senão as pessoas ficam questionando o que você está passando. Um simples jogo do patinho feio tem seu objetivo. Então, atendeu as minhas expectativas e foi isso mesmo que eu vim buscar. Essa questão mesmo de estar vivenciando porque às vezes a gente só pega as atividades e a gente não vive. Coloca-se no lugar do aluno, com é que é estar ai participando. Uma atividade interessante foi aquela “pra” deficiente visual, né, de “tá” ali [...] porque a gente “ta” tendo bastante inclusão, né, então você trabalha isso. Eu tenho um aluno altista que ele adora brincar de batata-quente. Ele brinca, altista não, é deficiente auditivo. Olha, ali ele “tá” interagindo com o outro. Atendeu, e eu acho que a gente tem que ir buscando mais ainda, buscando essa troca mesmo. A gente traz idéias e assim podemos fazer

experiências. E assim vamos montando nossa apostila, enriquecendo esse material com filmagem. Isso é muito legal porque a gente pode fazer os registros. Olha, vamos resgatar o que a gente fez porque às vezes a gente faz, esquece e não faz mais. Eu gostei sim do curso e atendeu minhas expectativas.

Tem mais alguma coisa que a professora gostaria de colocar sobre o curso?

Ah, eu acho que o curso veio ao encontro do que era esperado. E tá mesmo, mas olha o que vocês estão priorizando, o movimento existe dentro dessa idade e vocês estão trabalhando essa questão.

José Rafael Marcelino Agripino

Aluno

Prof Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Orientadora